

Jornal da Unicamp

Campinas, 7 a 21 de abril de 2003 – ANO XVII – Nº 209 – DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TRANS^GÊNICOS

A liberação por meio de medida provisória do governo federal da colheita e posterior comercialização da safra de soja transgênica plantada ilegalmente, além de revelar as divergências entre setores do mercado e da pesquisa, causou apreensão nos meios acadêmicos. O esvaziamento do CNTBio, a comissão técnica criada para tentar regular o assunto, e a falta de estudos mais aprofundados, são dois dos principais problemas apontados por pesquisadores, inclusive pelos que defendem a cultura da transgenia.

Páginas 3 e 4

IANNI “Estamos vivenciando uma ruptura histórica”

Em entrevista ao *Jornal da Unicamp*, o sociólogo e professor emérito da Unicamp Octavio Ianni (abaixo) explica por que acredita na arte como instrumento transformador, diz que a humanidade está vivenciando uma grande ruptura histórica e que está em curso uma revolta da realidade social contra modelos inspirados numa visão sistêmica que vem sendo cada vez mais questionada.

Páginas 6 e 7

Foto: Neldo Cantanti

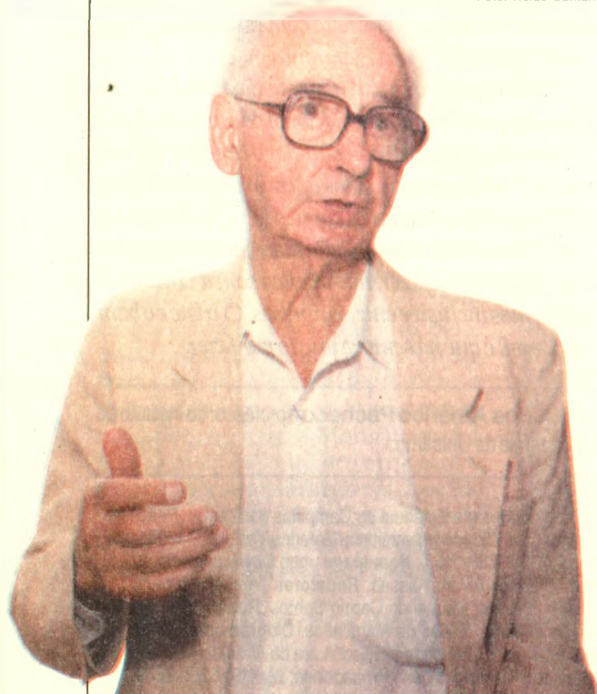
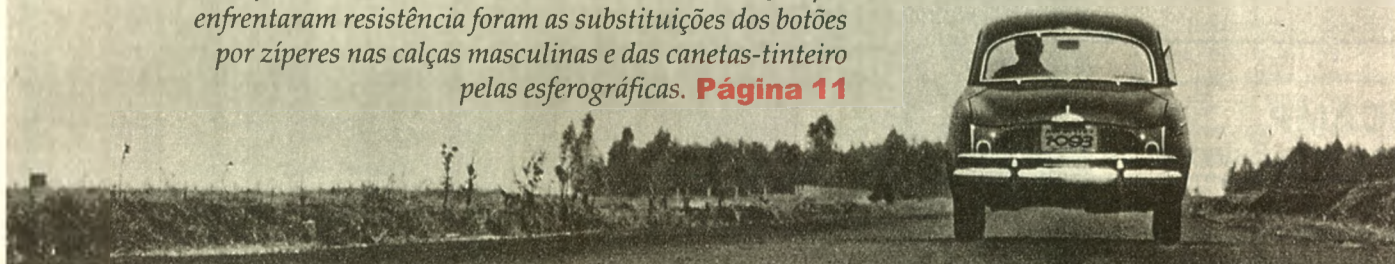


Foto: AEL

O carro, o zíper e a esferográfica

Na série sobre a Coleção Ibope, uma ampla pesquisa de 1959 mostra a resistência de segmentos importantes à implantação da indústria automobilística no Brasil, idéia fixa de Juscelino Kubitschek. Outras mudanças que enfrentaram resistência foram as substituições dos botões por zíperes nas calças masculinas e das canetas-tinteiro pelas esferográficas. **Página 11**



Comentário**A lucidez de Ianni**EUSTÁQUIO GOMES
eusta@unicamp.br

Esta edição traz uma pérola: a entrevista de Álvaro Kassab com o sociólogo Octavio Ianni. O professor Ianni, um dos pais da moderna sociologia brasileira, é no Brasil de hoje – como vem sendo há quarenta anos – um daqueles poucos intelectuais que fala o que quer, como quer e na ocasião que lhe parece justa. Uma entrevista com Ianni, pode-se dizer, tem o condão de fazer perdurar até a mais efêmera edição de jornal.

Nos últimos anos Ianni voltou-se para o estudo do globalismo e suas verberações no terceiro mundo. É nesse contexto que ele vê a eclosão dos primeiros conflitos deste século, da transfixão das torres gêmeas às guerras no Afeganistão e no Iraque. E é com olhos freudianos que enxerga a alma de George W. Bush, o mandante de uma época que se supunha imune ao cesarismo, cujo propósito oculto seria, mais que a conquista do petróleo e a derrubada de um ditador sanguinário, a superação do próprio pai e portanto o seu assassinato.

Socialista convicto, Ianni vê o declínio do mundo marxista como parte da crise geral que engolfa o planeta e, dentro dele, “a tentativa dos Estados Unidos de instituírem uma espécie de administração mundial”. Seu pessimismo quanto à geopolítica americana, entretanto, não impede que ele veja nela prenúncios de “uma transformação muito séria”, uma ruptura histórica capaz não só de abalar convicções e noções como também de provocar um novo renascimento da filosofia, das artes e das ciências.

As multidões contrariadas que saem às ruas em escala mundial, para protestar contra a guerra, seriam um sinal claro de que as sociedades estão cada vez mais à altura de “pensar criticamente os acontecimentos”. Esse movimento extraordinário, no entender de Ianni, está fertilizando o pensamento de cientistas, jornalistas, pesquisadores e artistas. Ao pregar “outras formas de ver o mundo”, tal movimento, que parece uno mas em realidade é articulado por pessoas e grupos distintos em lugares diferentes, é uma ameaça à visão sistêmica hoje predominante.

Concorde-se ou não com as idéias de Ianni, não há como negar-lhe lucidez e um valor de resistência que não é, absolutamente, moeda comum. Longe de ser o analista frio e desapaixonado de realidades novas, Ianni não esconde seu papel de parte interessada. Seu interesse, como ele próprio diz, é na utopia de uma vasta democratização social e política – “sonho universal desde o Renascimento”.

Artigo**Inovação – As informações da PINTEC**

CARLOS AMÉRICO PACHECO

Há uma meia verdade que se tornou, no imaginário dos pesquisadores brasileiros, um verdadeiro anátema: a empresa privada no Brasil não inova, não faz gastos significativos com P&D. Essa meia verdade é resultado de uma performance do gasto privado muito aquém do desejado, e está associada tanto com a fragilidade competitiva nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como com o déficit comercial em setores de alta tecnologia.

É freqüente ver autoridades da área de ciência e tecnologia afirmarem que 80% do que se gasta em pesquisa no Brasil é realizado pelo setor público e, quase como consequência desse fato, descartarem grandes ações junto ao setor privado. Para mudar essa realidade, seria preciso mudar sensivelmente o quadro macroeconômico, pois o investimento em P&D seria incompatível com as taxas de juros praticadas no país. Até que o quadro macro se altere, restaria muito pouco a ser feito. Mesmo gente informada considera esse diagnóstico correto.

Mas quanto gasta o setor privado em P&D no Brasil? Segundo informações da PINTEC (www.ibge.gov.br) — a Pesquisa Industrial sobre Inovação Tecnológica, que o IBGE fez em 2002 —, o setor privado gastou, em 2000, aproximadamente R\$ 5,2 bilhões. Para comparar, o setor público federal teria gasto naquele ano aproximadamente R\$ 5,8 bilhões e os estados outros R\$ 2,4 bilhões (www.mct.gov.br/estat). O gasto em P&D é a medida mais recomendada para comparações internacionais do esforço de cada país na área científica e tecnológica. Esses dados apontam que em 2000, o Brasil gastava 1,1% do PIB em P&D. A todos esse também parece ser um percentual muito baixo, e seria necessário dobrá-lo no mais curto espaço de tempo. Nada contra, pelo contrário.

Quase sempre a comparação do baixo gasto do Brasil é o paradigma de um gasto de 3,0% do PIB, que é a marca japonesa. Outro número de referência é o gasto dos EUA — 2,6% do PIB. Mas é preciso levar em conta que a média da Comunidade Européia é de 1,8% e que muitos países similares ao Brasil possuem

percentuais bem mais baixos: Espanha gasta 0,9%, Itália, China e Rússia cerca de 1,0%, e o México apenas 0,4% (OECD, 2002). Nesses países, mais próximos da realidade brasileira, a participação privada no esforço nacional de P&D é também próxima à brasileira: na Espanha é de 50%, na Itália 42%, na Rússia é 32% e na China estima-se que pode ter alcançado 60% — percentual que merece ser visto com cautela.

Será que os dados brasileiros não são tão ruins? Em termos relativos de fato não são. O setor privado gasta mais do que a maioria dos pesquisadores e gestores públicos imagina. Na realidade, como mostram pesquisas qualitativas feitas na América Latina, quase sempre o setor gasta mais do que os próprios empresários acreditam gastar. Como a legislação de incentivo não exige uma contabilidade específica para essas inversões, contabilizá-los é um custo adicional para a empresa, sem grandes vantagens. Esperemos que a Lei 10.637, sancionada em dezembro passado, seja logo regulamentada. A Lei permite que gastos em P&D de empresas, que venham a derivar patentes, possam ser abatidos em dobro no cálculo do Imposto de Renda. Para isso a empresa precisa manter uma contabilidade própria (e auditável) que irá melhorar em muito a informação declarada pela empresa. Pela minha experiência, o gasto medido será maior que o atual. E sem dúvida será um estímulo importante para o esforço privado, que não precisa esperar taxas de juros civilizadas.

Mas os dados do gasto público e privado em P&D no Brasil não são números para serem comemorados. O diabo, como sempre, mora nos detalhes. Um exame mais detido mostra que o problema do Brasil não é tanto o número agregado. Em primeiro lugar, há uma diferença razoável entre Brasil e demais países. Nesses, em geral, a indústria se apropria de um valor maior do esforço nacional em P&D, do que sua contribuição direta. Em média o valor gasto na indústria é de 10 a 20% superior à sua contribuição direta no gasto nacional. São fundos públicos ou renúncia fiscal que subvencionam o gasto privado, o que não ocorre aqui. Em segundo lugar, os gastos com a educação superior são, em termos relativos, maiores no Brasil que nos demais países. Ou seja um

percentual menor de nosso esforço (público) é destinado diretamente à empresa ou à pesquisa realizada em institutos.

Mas o mais diabólico detalhe é o perfil do gasto privado. Aqui está grande parte da metade verdadeira que nosso imaginário faz do baixo esforço da empresa em P&D. Uma comparação internacional ajuda a entender duas questões: a baixa cooperação da empresa com demais instituições e com as demais empresas e uma ênfase muito maior no acesso à tecnologia através de compra de máquinas e equipamentos, do que através de estratégias de pesquisa e aquisição de conhecimento.

Os parceiros e as fontes de informação indicados pelas empresas brasileiras são em geral os fornecedores de máquina e equipamento. Em relação a outros países, há muito pouca cooperação com outras firmas e com as demais instituições do sistema nacional de inovação. Reproduz-se um comportamento ainda derivado da substituição de importações.

Mais interessante ainda é verificar no que gastam as empresas. No Brasil, cerca de 52% do gasto que as empresas realizam em P&D é na compra de máquinas e equipamentos. Na Espanha esse percentual é de apenas 41%. O percentual que nossas empresas gastam com projetos industriais, introdução de inovações e treinamento monta a 23% do total, na Espanha esse percentual é de 12%. A consequência é simples. Aqui, as atividades de pesquisa e desenvolvimento (internas ou contratadas com terceiros) são muito menos importantes: apenas 25% do esforço privado em nosso país é feito com esse tipo de atividade, contra 47% na Espanha.

Na foto geral, o Brasil não está tão mal. Mas falta muito para um sistema nacional de inovação. Falta estimular o gasto privado e mudar a conduta empresarial. Faltam mecanismos de estímulo à atividade de pesquisa na empresa (como a Lei 10.637, que já poderia estar em vigor). Falta identificar que cooperação é possível fazer, não apenas com a Universidade, mas inclusive entre empresas. O triste é o bom do Brasil é que há sempre muito por fazer.

Carlos Américo Pacheco é professor do Instituto de Economia da Unicamp.

UNICAMP
Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge.
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva.
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho.
Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa.
Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. Fax (0xx19) 3788-5133. **Homepage** <http://www.unicamp.br/> imprensa. **E-mail** imprensa@unicamp.br. **Coordenador de imprensa** Clayton Levy. **Editor** Álvaro Kassab. **Redatores** Antonio Roberto Fava, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti e Dário Crispim. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Dário Mendes Crispim. **Ilustração** Félix. **Arquivo** Antonio Scarpineti. **Serviços Técnicos** Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Impressão** Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569. Assine o jornal on line: www.unicamp.br/assineju

Liberação da colheita e comercialização da safra de soja divide especialistas

Transgênicos expõem embate entre mercado e pesquisa

WANDA JORGE

wandajor@unicamp.br

A tática de fato consumado, aplicada por produtores agrícolas do Rio Grande do Sul e comerciantes da soja transgênica, contrabandeadas para território brasileiro no ano passado, quando se plantou a atual safra, parece que vai dar certo no atual governo. O Brasil acaba de iniciar, publicamente, a primeira colheita e comercialização do produto geneticamente modificado, plantado à revelia da legislação atual.

As longas e desgastantes reuniões da CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança) ocorridas em Brasília, durante os anos de 1995 e 1997, para estabelecer no país uma legislação de biossegurança, considerada das melhores do mundo, parece que foram em vão. É a sensação de um dos membros da equipe original da CTNBio, a ecóloga da Unicamp Maria Alice Garcia, professora do Departamento de Zoologia. O conjunto de leis criado para ordenar o avanço na área de organismos geneticamente modificados e a implementação dessa nova tecnologia de forma a garantir a biossegurança, tanto na área de saúde humana como de meio ambiente, poderá ser modificado por coação, uma vez que o governo pecou por omissão, quando não exigiu estudos de impacto em território nacional.

A medida provisória que permite a comercialização da soja transgênica plantada ilegalmente no Rio Grande do Sul, além de passar por cima, oficialmente, da legislação, não agrada tampouco aos que defendem os transgênicos. Para José Maria da Silveira, professor do Núcleo de Economia Agrícola da Unicamp, esse é um "imbroglio" deixado pelo governo FHC e mal-resolvido pelo atual. "Há muita hipocrisia nessa discussão. O governo Lula adotou uma medida cômoda para ele, o que é a cara de sua gestão: jogou a bomba para a outra ponta, a da comercialização". Como bomba, Silveira entende os rigores previstos na medida provisória como a identificação e rotulação, o que vai onerar a venda do produto.

O economista avalia que 50% da produção de soja gaúcha seja transgênica. Os números da safra, no entanto, conflitam de acordo com a origem da informação. O presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Soja, Ywao Miyamoto, disse à imprensa, no início do ano, que no Rio Grande do Sul o índice chega perto de 80%, por conta das condições especiais de maior infestação de ervas daninhas. O Brasil é o segundo maior produtor mundial do grão não-transgênico. Na safra de 2001 vendeu, apenas para a comunidade europeia, 9,7 milhões de toneladas, equivalente a mais de 60% do que exporta.

Para Silveira, porém, esse não seria o primeiro plantio no Sul. "Há pelos menos quatro ou cinco safras já se planta soja transgênica em território gaúcho, com responsabilidades dos governos municipal e estadual, ambos do PT, repartida pela atitude cômoda do governo de Fernando Henrique, que fugiu do problema, preferiu não ver a situação".

Na visão dos ambientalistas, a liberação da soja traz riscos econômicos futuros para toda a cadeia produtiva, como a recusa de compra por parte de países da comunidade europeia, ou da infiltração das lavouras com os transgênicos, além da dependência a um único fornecedor do pacote tecnológico, no caso a Monsanto; já o economista Silveira enxerga que o rigor da comercialização vai desestimular o plantio dos transgênicos, o que significa "um atraso tecnológico e um prejuízo à competitividade agrícola do país".

Para o economista, a atitude do governo anterior foi ambígua pois, ao mesmo tempo que investia US\$ 12 milhões no projeto Genoma na época, se declarava contrário aos

transgênicos, "caminho natural do desenvolvimento tecnológico". Ele critica, ainda, o peso que ambientalistas e defensores do direito do consumidor têm nas decisões da CTNBio. Em sua opinião, o principal diálogo deve se dar entre as entidades empresariais e instituições de pesquisa aplicada, como Fiocruz, IAC (Instituto Agrônomo de Campinas), Embrapa, Copersucar e Ocepar (Organização das Cooperativas do Paraná), por exemplo.

Enquanto um dos pontos de vista da pesquisa econômica defende a soja transgênica como alternativa economicamente mais atraente para o país, representantes de setores diretamente ligados à qualidade de vida humana e ambiental contestam essa posição e apontam o risco de tal "irresponsabilidade". A pesquisa sobre organismos modificados geneticamente (OMG) deve avançar cada vez mais, "o que não significa abrir as portas para multinacionais da área assaltarem o país", afirma o diretor do Instituto de Biologia da Unicamp, Mohamed Ezz Habib. A pesquisa ainda tem um longo trajeto para provar a segurança da transgenia até que a fase de aplicação possa se efetivar, acrescenta.

Além dos riscos à saúde humana, o professor Mohamed teme a criação de invasores resistentes na contaminação da flora, da microflora do solo, da água escorrida da planta tratada com o herbicida Roundup Ready (RR), agrotóxico que compõe o pacote tecnológico de plantio da soja



Foto: Neildo Cantanti

O economista José Maria da Silveira: "Há muita hipocrisia nessa discussão"

transgênica da empresa norte-americana. O RR é tão poderoso que mata, além das ervas daninhas também a soja não-transgênica, diz o agrônomo. Para o sojicultor, o uso de uma semente transgênica, que exige apenas um tipo de inseticida e reduz seu custo de mão-de-obra por conta da redução dos tratamentos culturais, é uma alternativa lucrativa inicialmente.

Mas Mohamed ressalta que ele deveria imaginar se continuará sendo, no momento em que as empresas de sementes não-transgênicas forem eliminadas do mercado e os preços do pacote tecnológico da variedade ficar

ao sabor do único fabricante. O monopólio penaliza legalmente, inclusive, o agricultor que não planta transgênico, caso a sua lavoura seja contaminada pelos plantios transgênicos da vizinhança, devido à possibilidade de polinização da soja convencional com pólen de soja transgênica.

Contaminação – Isso ocorreu recentemente com um agricultor do Canadá, que teve 6% de sua lavoura contaminada pela lavoura vizinha, que usou transgênicos, mas que perdeu a causa na Justiça, conta.

Essa situação parece ser de difícil apreensão para quem busca soluções de curto prazo, sob o argumento de não deter o desenvolvimento tecnológico. A comunidade europeia, que é um dos maiores mercados compradores do Brasil, não quer soja transgênica e, além da exigência de um rótulo de certificação do produto, paga mais pelo produto natural. Misturadas nos silos gaúchos, soja transgênica com não-transgênica, e com as dificuldades em se estabelecer a rotulagem, o que implica em análises laboratoriais, vai ficar difícil fazer valer o preço mais vantajoso na hora de fechar o contrato com tais clientes. Esse cenário não é novo e como a história, quando se repete, é na forma de tragédia, os pesquisadores temem os riscos que se avizinham no curto prazo. A soja é a primeira porta a ser aberta; se passar, o resto entra mais fácil e o risco humano e ambiental é imprevisível, antecipa o diretor da Biologia.



Foto: Antoninho Perri

A ecóloga Maria Alice Garcia: sensação de que reuniões para estabelecer legislação foram inúteis

Área plantada cresceu 12% nas duas últimas safras

Estados Unidos, China, Canadá, Austrália e Argentina não têm restrições ao cultivo do grão GM. Segundo informações de instituições internacionais favoráveis à tecnologia, a área mundial plantada com transgênico aumentou 12% nas duas últimas safras, o que torna 51% da produção mundial de soja realizada com transgênicos, além de percentuais menores em milho (9%), algodão (20%) e canola (12%). O combate aos transgênicos não é unânime mesmo nos meios científicos descomprometidos com interesses empresariais. Mas quem os defende, em geral circunscreve o uso ao ambiente da pesquisa, onde as regras de biossegurança são muito rígidas e com mecanismos de controle efetivos, para evitar escape e contaminação ambiental por material transgênico.

Wirla Tamashiro, pesquisadora de Imunologia da Unicamp e presidente da Comissão Interna de Biossegurança (CIBio) no Instituto de Biologia, trabalha com camundongos transgênicos. Ela busca avaliar o surgimento de doenças auto-imunes no processo de envelhecimento e usa em sua pesquisa, dois grupos de animais. Defende os geneticamente modificados como forma de encurtar etapas da pesquisa, mas sob rigoroso controle dos laboratórios. "Sou a favor do uso de transgênicos, pelo avanço que representam na pesquisa científica".

Yong Park, do Laboratório de Bioquímica de Alimentos, da Unicamp, com cerca de 70 trabalhos publicados em revistas científicas estrangeiras e mais de 100 em publicações nacionais, é igualmente criterioso. "A pesquisa ainda não tem resultados conclusivos em nenhum lugar no mundo sobre se é seguro ou não o uso de transgênicos como alimento humano; alguns resultados negativos surgiram sobre o milho, mas sobre soja, batata ou tomate, ainda nada se sabe, embora existam variedades já há alguns anos. Pessoalmente, eu evitaria consumir e seguiria o cuidado europeu que, nos últimos dois anos, exige que os alimentos tenham o rótulo garantindo a isenção de OGM". Park explica que existem dois exames laboratoriais eficientes para essa identificação-PCR, processo bioquímico que avalia a reação em cadeia de polimerase, e o Elisa, que identifica a proteína transgênica.

Foto: Antoninho Perri



Plantação de soja na região de Campinas: Brasil é o segundo maior produtor mundial do grão não-transgênico

Continua na página 4

Cientista alerta que maior risco dos transgênicos é o escape na natureza

Pesquisadora defende rigor nos estudos de impacto

WANDA JORGE

wandajor@unicamp.br

Qualquer manipulação gênica proposital que modifique a base genética de uma espécie – retira-se ou corta-se um pedaço e insere-se em outro – transforma o organismo em geneticamente modificado (OGM). O transgênico é uma modalidade de OGM, no qual foram inseridos genes de outros organismos, da mesma ou de espécies diferentes. Existe dois OGM: o knock out (K) e o transgênico (T).

Códigos de biossegurança devem ser rígidos

Constrói-se um transgênico com variados objetivos. Pode-se buscar uma superexpressão de um determinado gene, como por exem-

plo, o portador de uma doença ou o que traz resistência a um ataque de pragas. Esses são os chamados genes alvos. O objetivo pode, ainda, ser o de neutralizar algum, num processo chamado knock out ou genes desligados.

A clonagem é um processo anterior, onde o gene que foi selecionado é inserido num vetor (que pode ser biológico, um vírus), e cujo material genético resultante é transferido para a célula embrionária que gera o transgênico. Já a propagação vegetativa em plantas, pelo sistema de brotamento e multiplicação in vitro, pode gerar milhares de mudas idênticas num processo de clonagem, mas não necessariamente ocorre a manipulação genética.

Dentro do Instituto de Biologia da Unicamp, a pesquisadora Wirla Tamashiro avalia que 10% da comunidade, envolvendo onze professores responsáveis pelos principais grupos de pesquisa, trabalha hoje com OGM e transgenia em animais pequenos. Em sua opinião, qualquer pesquisa que se pretenda transformar em produto tem que ser precedida por um longo estudo de impacto na natureza e o grau de certeza deve ser muito elevado.

Na imunologia, campo de ação da pesquisadora, o gene escolhido para ser inserido na célula embrionária do receptor (camundongo), tem o objetivo de construir um modelo experimental para buscar um jeito de modular a resposta desse transgênico à formação de anticorpos que tolerem algum antígeno específico, responsável por doenças auto-imunes como lupus ou febre reumática, por exemplo.

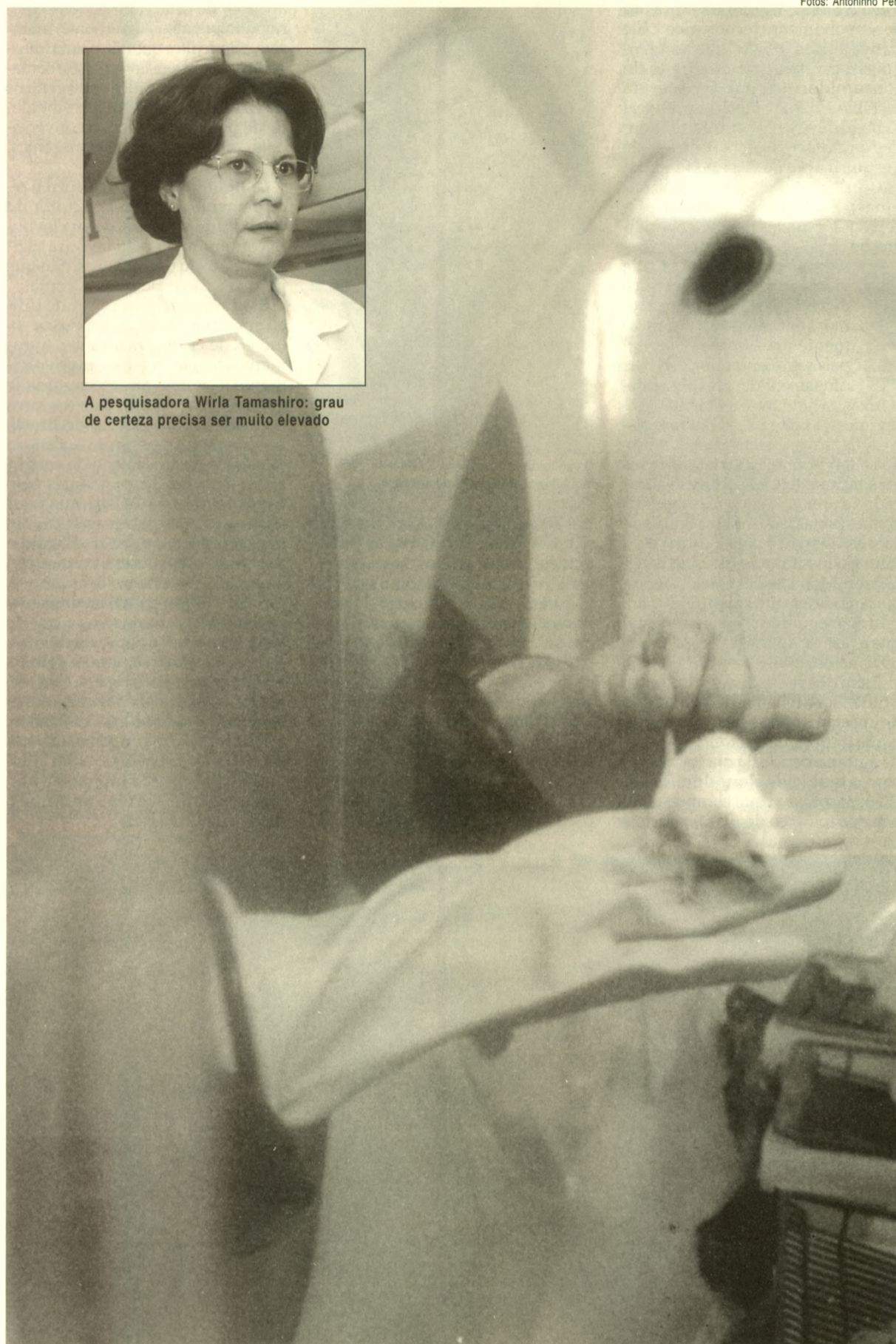
Wirla diz que a transgenia trabalha a favor da pesquisa acadêmica, pois acelera processos, mas deve ser realizada sob códigos de biossegurança absolutamente rígidos. “O sistema imunológico é amplamente desconhecido, mesmo já tendo mais de dez prêmios Nobel na área”. O uso da transgenia em Imunologia existe há pelo menos 13 anos, com uso maciço de camundongo (*Mus musculus*) escolhido pela facilidade de seu sistema imunológico ser estudado, com mais de 30 linhagens isogênicas (cruzamento entre irmãos) o que permite transplantes sem rejeição, por serem idênticos, acrescenta.

No caso da seleção de cultivares, o produto final tem muito pouca semelhança com o selvagem, que já existia na natureza. O transgênico pode receber uma carga maior de herbicida que o cultivar resistiria. Para Wirla, a produção de transgênicos para a agricultura ainda é muito recente e não se avaliou o impacto na saúde humana. Constatar que o transgênico levou a uma situação de doença, criou hipersensibilidade, é um estudo que leva tempo e não se tem segurança que as empresas produtoras dessas sementes fizeram tal pesquisa.

Como responsável pela comissão interna de biossegurança em Biologia, na Unicamp, a profes-



A pesquisadora Wirla Tamashiro: grau de certeza precisa ser muito elevado



Fotos: Antoninho Perri

ra considera que o maior risco no uso de animal e plantas geneticamente modificadas é o escape na natureza. “O Brasil é um dos pio-

neiros na transformação em lei da biossegurança, exigindo construção de biotérios e casa de vegetação e grandes estufas, para evitar o es-

cape ou a infiltração”. Por isso, avalia a pesquisadora, há menor resistência na manipulação de transgênicos em laboratório.

“Trata-se de mais uma corrida comercial”

A liberação descontrolada e não monitorada em larga escala dos transgênicos no ambiente pode estar promovendo uma reação em cadeia, de extinções locais de organismos e direcionando processos de seleção de espécies do mundo animal e vegetal. Mas não temos dados que permitam avaliar a extensão e os impactos dessa intervenção biológica na natureza, pois as liberações não são feitas com monitoração que permitam a análise de impacto sobre a biodiversidade. Com o recurso da modelagem matemática é possível sugerir consequências e impactos a médio e longo prazo, mas são poucos os grupos que têm se dedicado a esses estudos. No Brasil, o grande desconhecimento a respeito da nossa biodiversidade dificulta ainda mais essa tarefa. Maria Alice Garcia, do Instituto de Zoologia, lembra que, de 1986 a 2000, mais de 30 mil testes de campo com OGM para distintas espécies foram realizados em mais de 45 países, inclusive o Brasil, mas nenhuma informação sobre impacto ambiental foi produzida. Segundo a pesquisadora, o cultivo comercial é liderado pelos EUA, com 64% da área plantada, seguido pela China e pela Argentina.

“A poluição genética é diferente da de qualquer outra natureza, pois tem a possibilidade de se difun-

dir por reprodução, reduzindo a probabilidade de eliminação da fonte do poluente e fugindo totalmente ao controle”.

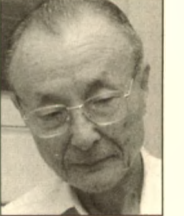
Ela assinala que, entre as consequências previsíveis do cultivo em larga escala dos transgênicos, estão: o desenvolvimento de novas espécies de plantas daninhas; modificações em populações silvestres que se alimentarem de transgênicos contendo fármacos (exemplo: milho contendo hormônio de crescimento humano), a criação de novas linhagens de vírus fitopatogênicos; seleção de insetos-praga resistentes; impacto sobre a população de polinizadores, predadores e parasitóides que atuam no controle biológico; além da alteração da microbiologia do solo, em processos de ciclagem de nutrientes com implicações na fertilidade, particularmente em regiões tropicais.

A promessa da biotecnologia não se cumpriu até o momento na área de alimentos: não representam vantagem para o ambiente, não são mais baratos, e também não são mais produtivos no campo. “Trata-se de mais uma corrida comercial: as grandes corporações querem recuperar rapidamente os investimentos em sementes patenteadas, atropelando o debate, a pesquisa e a legislação”, conclui Maria Alice.

Quando a natureza faz a diferença

O pesquisador Yong Park sinaliza uma mudança de foco na pesquisa internacional da atualidade. Segundo Park, existe uma tendência em se buscar descobrir nos organismos da natureza as possibilidades ainda

Fotos: Neldo Cantanti



O pesquisador Yong Park: produtos derivados do própolis

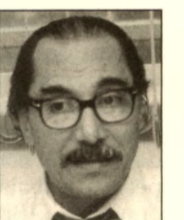
desconhecidas e reduzir o estímulo à interferência genética. Como modelo dessa atitude, ele cita trabalhos da Unicamp feitos em conjunto com centros de pesquisa acadêmica norte-americana em Rochester e Carolina do Norte. Um deles estabeleceu patente conjunta da Universidade de Rochester com a Faculdade de Engenharia de Alimentos e a de Odontologia, campus Piracicaba, para os componentes apigenina e farnesol, com características antimicrobianas, atuantes na cárie dentária, obtidos do própolis. Em outro estudo, também sobre o uso de própolis, classificou-se 12 grupos no Brasil e no grupo 1, originário de Bagé (RS), isolou-se um composto de ácido morônico, que inibe o vírus da Aids, em experiências realizadas em laboratório. Desse estudo participou um pesquisador orientado por Park, oriundo da equipe de Jayme Cury, da odontologia. Michel Hyn Koo já publicou 10 trabalhos internacionais e há três anos é professor contratado em Rochester. “Hoje, a pesquisa internacional busca mais alternativas naturais que OGM e o Brasil, por conta de sua biodiversidade, deve aproveitar a oportunidade”, defende Park.

Bactéria Bt, de amiga à vilã

O gene de resistência que mais vem sendo utilizado na transgenia é o que estimula a produção de proteína tóxica da bactéria *Bacillus thuringiensis* conhecido como Bt. Esta bactéria é usada há quase um século como agente de controle biológico de insetos, pois é letal para vários grupos deles, como mariposas, besouros e borboletas. Segundo a ecóloga Maria Alice, “a inserção de genes para toxina de Bt em plantas cultivadas se traduz em efeitos ecológicos equivalentes aos causados por sobreexposição de agrotóxicos”.

Além dos danos já apontados ao ecossistema, com o milho a situação é ainda mais grave. O professor Mohamed Habib explica que a Bt foi descoberta em 1910 e, desde 1964, ele trabalha com a bactéria, pois tem uma atuação fantástica para matar grupos de insetos. Porém, os geneticistas das empresas desenvolveram uma variedade de milho capaz de sintetizar um peptídeo tóxico, para torná-lo resistente a pragas. Na transgenia, o milho sintetiza a toxina do bacilo, que circula na seiva da planta podendo tornar o grão tóxico inclusive para uso humano.

“As plantas transgênicas que sintetizam os seus próprios inseticidas também induzem resistência nos organismos (fitófagos) que nelas se alimentam. Além disso, a toxina do Bt que permanece no resto da colheita da planta transgênica tem impacto negativo na microfauna do solo”, acrescenta o diretor.



O professor Mohamed Habib: impacto negativo na microfauna do solo

Unicamp sedia evento em que serão discutidas estratégias de cooperação nas áreas de ciência e tecnologia

Encontro reúne reitores do Mercosul

Reitores de universidades públicas sediadas nos países que integram o Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul) estarão reunidos na Unicamp no período de 09 a 11 de abril para discutir estratégias de cooperação e políticas nacionais em ciência e tecnologia. O encontro marcará a 35ª Reunião do Conselho de Reitores da Associação de Universidades do Grupo de Montevideu (AUGM), entidade que congrega 15 universidades sediadas no Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai. Como parte do evento, ocorrerá, no dia 11, o seminário "Políticas e Estratégias em Ciência e Tecnologia nos Países do Mercosul".

Três programas de intercâmbio foram iniciados em 2002

Organizado pela Coordenadoria de Relações Internacionais e Institucionais (Cori) da Unicamp, o seminário, aberto ao público, discutirá os seguintes sub-temas: Políticas Nacionais em Ciência e Tecnologia; Cooperação Regional em Ciência e Tecnologia – Situação Atual e Propostas; e Estratégias para o Desenvolvimento Regional da Ciência e Tecnologia – Participação das Universidades Públicas. Além do reitor da Unicamp, Carlos Henrique de Brito Cruz, que abrirá o seminário com uma conferência, também participará do evento o secretário executivo da AUGM, Jorge Broveto; o diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina, Romeu Luizatto; e a diretora geral do Departamento de Ciência e Tecnologia do Ministério das Relações Exteriores, Marília Sardemberg Zelner Gonçalves.

Segundo o coordenador da Cori, Luís Cortez, a realização do evento reforça o papel da Unicamp na consolidação de uma política de cooperação em ciência e tecnologia na América Latina. "A finalidade é aumentar a integração científica e tecnológica entre nossos países", diz. Como parte desse esforço, Cortez cita a histórica abertura da universidade em relação a professores e estudantes latino-americanos. Atualmente, dos 375 alunos estrangeiros matriculados na Unicamp, 300 vêm do continente latino.

PROGRAMAÇÃO	
ENCONTRO DE REITORES	
Locais: Sala do Consu, Auditório da AFPU, Auditório da DGA	
▼ Programação	
09 de abril de 2003 – quarta-feira	
Reunião do Grupo de Delegados Assessores – Auditório AFPU	
14:00hs - Início das Atividades	
17:00hs - Encerramento das Atividades	
19:00hs - Jantar	
10 de abril de 2003 - quinta-feira	
Reunião do Conselho de Reitores – Sala do Consu	
09:00hs – Abertura/Reitor da Unicamp	
12:30 às 14:00hs – Almoço	
17:00hs - Encerramento das Atividades	
19:00hs - Jantar	
11 de abril de 2003 - sexta-feira	
▼ Seminário	
"Políticas e Estratégias em Ciência e Tecnologia nos Países do Mercosul"	
Políticas Nacionais em Ciência e Tecnologia	
Cooperação Regional em Ciência e Tecnologia – Situação Atual e Propostas	
Estratégias para o Desenvolvimento Regional da Ciência e Tecnologia – Participação das Universidades Públicas	
Local - Auditório da Diretoria Geral de Administração – Unicamp	
▼ Programação	
09:00 às 09:30 hs – Abertura	
Prof. Dr. Carlos Henrique de Brito Cruz – Reitor da Universidade Estadual de Campinas, Brasil	
Dr. Jorge Broveto – Secretário Executivo	
da Associação de Universidades do Grupo Montevideu, Uruguai	
Dr. Romeu Luizatto – Diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina – Fundação memorial América Latina, Brasil (a confirmar)	
▼ Conferência	
09:30 às 10:00 hs –	
Prof. Dr. Carlos Henrique de Brito Cruz – Reitor da Universidade Estadual de Campinas, Brasil	
10:00 às 12:00 hs – Painéis	
Dra. Marília Sardemberg Zelner Gonçalves – Diretora Geral do Departamento de Ciência e Tecnologia do Ministério das Relações Exteriores, Brasil (a confirmar), Brasil	
Dr. Carlos Abeledo - Asesor en la Secretaría de Políticas Universitarias del Ministerio de Educación de la República Argentina (ex Presidente del CONICET, Argentina).	
Senador Enrique Rubio – Presidente da Comissão de Ciencia y Tecnología do Senado da República, Uruguai	
12:00 às 13:00 hs – Perguntas e Discussão Geral	
13:00 às 14:30 hs – Almoço	
14:30 às 16:00 hs – Painéis	
Prof. Dr. Prof. Dr. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz – Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil	
Prof. Dr. Mario Barletta – Reitor da Universidad Nacional del Litoral e Presidente da Comisión de Ciencia y Técnica del Consejo Interuniversitario nacional da República, Argentina	
Prof. Dr. Rafael Guarga – Reitor da Universidad de la República, Uruguai	
16:00 às 16:15 hs – Coffee-break	
16:15 às 17:00hs –	
Discussão, Conclusões Finais e Encerramento	

Três importantes programas de intercâmbio foram iniciados em 2002 visando a intensificar as relações da Unicamp com o meio universitário latino-americano, a criar um quadro de colaboração com um conjunto de instituições amazônicas e, finalmente, a ampliar ações conjuntas de formação de quadros qualificados com outras instituições nacionais.

Uma série de visitas a universidades argentinas, chilenas e do México abriu novas perspectivas de intercâmbio acadêmico com diferentes instituições desses países. Desde então, foram aprovados seis projetos de intercâmbio no contexto dos Centros Associados de Pós-Gradua-

ção Brasil-Argentina, da Capes, em trabalho conjunto das Pró-Reitorias de Pós-Graduação e de Pesquisa, ao lado da Coordenaria de Relações Internacionais da Unicamp.

Também junto à Capes foram conseguidos recursos para convênio de intercâmbio com University of Texas, além de novas bolsas para alunos estrangeiros no contexto do programa PEC-PG. Paralelamente, a Unicamp foi convidada e aceitou integrar a rede de pontos focais de um novo programa da UE (Alban) para a concessão de bolsas de pós-graduação para estudantes latino-americanos em universidades europeias.



O professor Luís Cortez, da Cori: "Sem troca de conhecimento, as nações mais pobres correm o risco de cair no isolamento"

Acordo consolida integração científica

Outro importante passo para integração científica e tecnológica na América Latina foi dado no dia 1º de abril, na Argentina, com a assinatura de um acordo entre a Unicamp e a Universidade de Buenos Aires (UBA). O acordo prevê a instalação, já em 2003, de uma cátedra da UBA na Unicamp, para estudar temas relacionados à Argentina, e uma cátedra da Unicamp na UBA, para temas relacionados ao Brasil. O termo de cooperação foi assinado pelos reitores da Unicamp, Carlos Henrique de Brito Cruz, e da UBA, Guillermo Jaim Etcherry.

A proposta para formulação do acordo partiu do reitor Brito Cruz durante visita realizada à UBA em agosto do ano passado. O projeto para definir a instalação das cátedras foi elaborado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação em conjunto com a Coordenadoria de Relações Institucionais e Internacionais (Cori) da Unicamp. O texto prevê a vinda de pesquisadores argentinos para atuar em Campinas e a ida de pesquisadores brasileiros para atuar

em Buenos Aires.

Todas as áreas do conhecimento (humanas, biomédicas, exatas e tecnológicas) participarão em sistema de rodízio. Os recursos para viabilizar o programa serão obtidos por meio de convênio entre a Unicamp e o Grupo Santander-Banespa, que financiará sua implantação e manutenção, oferecendo bolsas e cobrindo despesas de viagem dos participantes.

"A instalação das cátedras é fundamental para fortalecer as relações entre os dois países", disse o coordenador da Cori, Luís Cortez, que integrou a comitiva do reitor juntamente com os pró-reitores de Pesquisa, Fernando Costa, e de Pós-Graduação, Daniel Hogan. "No processo de globalização é importante conhecer os vizinhos. Os grandes países são fortes politicamente porque têm ligação cultural e econômica. Sem troca de conhecimento, as nações mais pobres correm o risco de cair no isolamento, o que as tornaria mais frágeis do ponto de vista político", afirmou Cortez.

Carreira entra no processo de implantação

A Carreira dos Profissionais de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão, constituída nos termos da Deliberação CAD-A-01/03, entra no processo de implantação. De acordo com o vice-reitor, professor José Tadeu Jorge, cumpridos os prazos estabelecidos, no dia 16 de julho a Câmara de Recursos Humanos (CRH) estará divulgando o resultado do enquadramento dos funcionários da Universidade. A opção pela carreira deverá ser feita até o dia 8 de agosto. Caso a opção ocorra após

Opção pela carreira deverá ser feita até 8 de agosto

esta data do cronograma, produzirá efeito a partir do mês subsequente, sem qualquer caráter retroativo. Tadeu Jorge garantiu também a disponibilidade de recursos para cobrir os possíveis ganhos salariais oriundos dos enquadramentos, conforme decidido pelo Conselho Universitário (Consu), quando da aprovação do orçamento de 2003.

A primeira data do cronograma, que deverá ser observada pelas Comissões Setoriais de Acompanhamento de Recursos Humanos (CSARH's), será o dia 7 de abril, quando receberão a listagem dos funcionários com as devidas funções, um CD contendo o manual do Código Brasileiro de Ocupações e os formulários padronizados, para preencher com a descrição das atividades de cada funcionário (a ser feito pelo superior imediato). De posse do material, as comissões devem ela-



Funcionários da área da Saúde participam de discussão sobre a Carreira: enquadramento inicial sai até 16 de julho

borar, até 30 de abril, o perfil das funções existentes na Unidade/Orgão, baseado no Código Brasileiro de Ocupações. Segundo o vice-reitor, este documento irá definir as funções existentes na Unicamp.

Nesta etapa dos trabalhos, ele sugere que as CSARH's iniciem a discussão para definir os critérios de análise de currículo para a classificação dos funcionários. No dia 26 de

maio, a CRH divulgará o resultado da aprovação das funções encaminhadas pelas CSARH's e no dia 18 de junho termina o prazo para entrega, à CRH, da classificação dos funcionários em cada função. Os servidores que se sentirem prejudicados terão um prazo para encaminhar os recursos à CRH. Para isso, um parecer detalhado deverá ser encaminhado pela comissão setorial até 23 de

julho e serão julgados até dia 31 de julho, a fim de haver tempo hábil para quem preferir optar pela carreira até 8 de agosto.

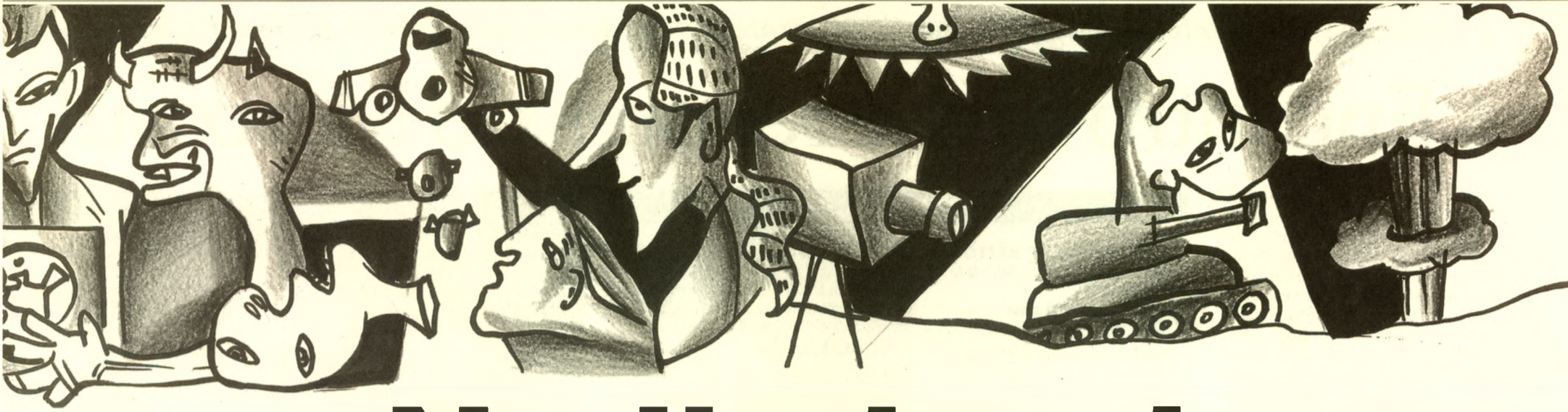
Tadeu Jorge salientou ainda que, a partir do dia 7 de abril, uma equipe estará disponível para dirimir dúvidas que possam surgir ao longo do processo de implantação da carreira.

Aprovação pela CAD – "Com a

aprovação da Deliberação CAD-A-01/03, a Universidade deu um passo importante na direção de uma política de capacitação e valorização de seus trabalhadores", analisou o vice-reitor e coordenador-geral da Unicamp, professor José Tadeu Jorge. A decisão encerrou processo iniciado em junho do ano passado, que incluiu uma ampla consulta aos funcionários e o envolvimento de órgãos institucionais. Ao longo desse período, foram analisadas cerca de 500 sugestões e apreciadas posteriormente perto de 300 emendas encaminhadas pelas Comissões Setoriais de Acompanhamento de Recursos Humanos (CSARH's).

Segundo o vice-reitor, todo o processo foi amplo e participativo, o que permitiu que o conjunto dos trabalhadores acompanhasse todo o processo. Isso se refletiu na decisão da CAD, que aprovou a proposta do Grupo de Trabalho praticamente na íntegra, consagrando apenas pequenas modificações no texto, de forma a torná-lo mais claro ou objetivo. O professor José Tadeu Jorge esclarece que a matéria foi analisada pela CAD, pois se trata da instância competente para deliberar sobre assuntos ligados à carreira, conforme o Estatuto da Unicamp.

A deliberação aprovada pela CAD determina a criação de um processo avaliatório, com normas, procedimentos e critérios. Esta etapa também contará com a participação das CSARH's, num trabalho semelhante ao que foi executado por ocasião das discussões da deliberação aprovada.



No limiar de um

JU – O que levou o senhor a fazer uma releitura do livro “Duas Culturas”, de C. P. Snow?

Ianni – O livro do Snow, publicado em 1959, tornou-se notável. Alguns dizem que se trata de um clássico. Na verdade, é uma obra importante que coloca o problema do diálogo entre as ciências em geral, em especial entre literatura e ciências sociais de um lado – que ele classificaria de humanidades –, e ciências, simplesmente, de outro, que seriam as ciências físico-naturais. Só que ele não aprofundou a análise. Ele levanta o problema, até com coragem, porque fala na importância do uso das ciências, das artes e das humanidades para diminuir as diferenças entre os pobres e os ricos etc, mas faltou uma abordagem no nível, digamos, propriamente lógico.

JU – E a que conclusões o senhor chegou?

Ianni – Relendo o livro e lendo outras coisas, acho perfeitamente válido dizer que não são duas culturas, mas, a rigor, três. Uma é a cultura das ciências naturais, apesar das diferenças entre elas – física, química, astronomia etc. Não há dúvida de que são ciências que têm um modo de narrar muito específico, inclusive uma preocupação com formalização, com previsões e com a possibilidade de testar as hipóteses. Neste sentido, as ciências naturais têm uma narrativa muito articulada e com um certo conjunto de procedimentos lógicos – indução, dedução, hipótese, teste etc.

JU – Muito diferente da narrativa das ciências sociais...

Ianni – Nas ciências sociais, das quais ele trata muito pouco, só de passagem, a narrativa é outra. Elas estão preocupadas principalmente em compreender as ações, as relações, os comportamentos, as instituições. Dá para dizer que a narrativa nas ciências sociais lida muito mais com a compreensão, ao passo que a narrativa nas ciências naturais empenha-se em explicar, principalmente, em termos de causa e efeito. Nas ciências sociais, a compreensão é a do sentido das ações das pessoas. É a análise do comportamento de um indivíduo, seja um anônimo ou de uma figura conhecida. Ela sempre revela vários significados nas ações dos indivíduos.

JU – O senhor poderia dar um exemplo de como essa narrativa dá-se em outros níveis?

Ianni – O caso de George W. Bush é emblemático. Alguns dizem que ele está querendo completar a obra iniciada pelo pai. Do ponto de vista da psicanálise, dá para dizer que ele está querendo consumir o assassinato do pai, porque superar o pai é um desafio que a psicanálise sempre levanta. Um desafio que ocorre nas relações filhos-pais e pais-filhos. Caso vença a guerra, ele vai sentir-se como quem conseguiu superar o pai, ou, metaforicamente, conseguiu matá-lo. Só que, em outro nível, podemos dizer que os significados das ações do presidente norte-americano e de sua equipe têm a ver com o petróleo, têm a ver com a afirmação da supremacia. Os fatos sociais são sempre carregados de vários significados. Nesse sentido, a narrativa nas ciências sociais está empe-

ÁLVARO KASSAB
kassab@reitoria.unicamp.br

O ctavio Ianni não tem dúvida: está em curso não só uma ruptura histórica, na qual a noção de tempo e espaço foi substancialmente abalada, mas também uma revolução cultural de grandes conseqüências, cujo resultado mais imediato seria o florescimento de um novo paradigma científico. Sociólogo, professor emérito da Unicamp e um dos mais renomados intelectuais do País, Ianni participou no último dia 28 do “Seminários Unicamp”. No evento, cujo tema central foi a produção do conhecimento, Ianni fez uma releitura do livro “Duas Culturas”, do físico e romancista inglês C.P. Snow. Na entrevista que segue, Ianni explica por que considera fundamental o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento e aborda temas nos quais se debruça ultimamente com especial atenção, entre eles a globalização, a guerra no Iraque, a atuação da mídia, os rumos da ciência e a importância das linguagens derivadas das manifestações artísticas. Retoma também a discussão sobre o papel da universidade num mundo, segundo ele, dominado pela visão sistêmica. “É um péssimo sinal que o exercício do pensamento crítico esteja sendo considerado como irreverente ou desnecessário”.

nhada em captar o sentido ou os sentidos das ações, das relações, das tensões, dos conflitos sociais.

JU – Em que contexto as artes desempenham um papel relevante no campo dos significados e da compreensão dos fenômenos sociais?

Ianni – Dá para dizer que compreensão é uma forma de conhecimento. É uma forma de discernimento do que é a realidade. Mas dá para distinguir o que seria uma terceira forma, que poderíamos classificar de uma terceira cultura. A rigor, uso a expressão terceiro estilo de pensamento, que é aquele que por exemplo aparece nas artes – na literatura, na dramaturgia, na música, assim como na pintura e em várias outras linguagens artísticas. Descobrimos que o artista às vezes está metaforicamente trabalhando um dilema que todos os outros estão sentindo em outros termos, em outra linguagem.

JU – O senhor acha que o artista tem a capacidade de antever ou de retratar com mais fidelidade os momentos de convulsão e de ruptura?

Ianni – Sim. O caso mais ou menos evidente é *Guernica*, de Picasso. Quando a república espanhola o convidou para fazer um mural, para uma grande exposição, ele estava tateando, não sabia o que fazer. Estava começando a guerra do fascista Franco contra a república espanhola. Como os alemães, já aliados de Franco, estavam exercitando bombardeio aéreo, Picasso de repente teve um estalo. Produziu um painel de grande impacto ao revelar a brutalidade que é a guerra. *Guernica* passou para a história como se fosse uma ilustração de todas as guerras.

JU – No “Seminários Unicamp”, o senhor citou exemplos de contemporaneidade entre linguagens e áreas diferentes. O senhor poderia dar um exemplo?

Ianni – Isso é interessante. Na passagem do século 18 para o século 19, Goethe, Beethoven e Hegel estavam de certo modo inquietos com uma realidade mundial que desafiava todo o mundo. Eles responderam a esses desafios e inquietações cada qual por meio de sua linguagem. É curioso notar que em todos eles havia uma preocupação de desvendar o que estava acontecendo. Hegel, especialmente na *Fenomenologia do Espírito*, queria desvendar qual é o momento mais avançado do desenvolvimento do pensamento da razão humana. Em *Fausto*, Goethe, que está no mesmo contexto, coloca algumas interrogações nas falas de Mefistófeles sobre as possibilidades de a razão conseguir um pleno discernimento. Já Beethoven, especialmente na 9ª Sinfonia, aproveitando o poema do Schiller, que corresponde à última parte da obra, canta um hino de glória ao novo mundo, a um novo período, à nova época da história. A despeito de ele usar a linguagem musical, estava também entusiasmado com o fato de haver, naquele momento, naquela época, uma ruptura, uma transição, uma transformação que estava abrindo horizontes excepcionais.

JU – O senhor refere-se à participação popular em diferentes instâncias?

Ianni – Além do que acontece com a razão, com a ciência, com a filosofia e com as próprias artes, estava acontecendo uma coisa que inaugurava o mundo contemporâneo, o

mundo no qual estamos até hoje: o povo passou a fazer parte da história de uma maneira nova. Há uma frase de Napoleão, numa conversa com Goethe, em que ele teria dito que o papel que o destino desempenhava na tragédia grega no mundo moderno passaria a ser desempenhado pela política. Isso evidentemente está em Hegel e em Goethe. De certo modo a *Ode à Alegria*, que Beethoven aproveitou de Schiller, é um hino ao novo período em que o povo entrou na história de uma maneira surpreendente.

JU – O senhor acha então que as revoluções filosóficas, científicas e estéticas ocorrem em períodos de crise ou de grandes transformações?

Ianni – Sem dúvida. Nessa mesma época, para falar do período da Revolução Francesa, do Iluminismo etc, há um conjunto de inquietações que fertilizam a criatividade de filósofos – Diderot, Kant, Hegel –, de cientistas – Lavoisier etc – e de artistas. Aqui se coloca um problema também fascinante, que é o de como as chamadas revoluções científicas podem ser vistas como acontecimentos que são contemporâneos de revoluções culturais, filosóficas e políticas. Daí por que estou convencido de que nessa época da história, no fim do século 20 e no começo do século 21, nós estamos metidos numa grande ruptura histórica.

JU – Daria para especular sobre a dimensão dessa ruptura?

Ianni – O declínio do mundo socialista, a transformação das nações socialistas em fronteiras de expansão do mundo capitalista e a tentativa

dos EUA em se transformarem na única potência mundial e de instituírem uma espécie de administração mundial das várias nacionalidades e nações, isso está sendo uma transformação muito séria, muito profunda, que está abalando muitas convicções, muitas noções. Isso implicará um novo florescimento da filosofia, das ciências e das artes. Aliás, já há produções nas ciências sociais e algumas produções nas artes que demonstram que os seus autores estão interessados em compreender os novos horizontes.

JU – Quais seriam?

Ianni – Há uma parte grande da obra de autores como Samir Amin já traduzida na área das ciências sociais. São escritos que desembocam em novos conceitos, novas noções. Seus livros expressam isso. No cinema, temos filmes em que você não sabe qual é o país em que se passa a história. Isso significa que já há uma arte transnacional, cujos temas são de significação mundial e cujos personagens não precisam ser identificados como sendo deste ou daquele país. No passado, inclusive, houve produções que já prenunciavam uma arte cosmopolita. Os escritos de Borges, por exemplo, são de um tremendo cosmopolitismo. Ele estava dialogando com várias culturas, vários pensamentos.

JU – Qual é hoje, em sua opinião, o papel da mídia?

Ianni – A mídia hoje não é mais nacional. Se você procurar nos jornais que você lê, se procurar qual agência noticiosa que está informando sobre os acontecimentos, você não encontra. As vezes, o jornal, com muita parcimônia, registra a fonte lá no cantinho de uma página. E eles nunca tornam transparente a forma como eles “cozinham” as matérias na redação. E as matérias, às vezes, vêm totalmente preparadas por agências de alcance mundial. Todo jornal hoje tem um quê de CNN.

JU – Quais são os efeitos dessa manipulação?

Ianni – Muitas notícias importantes são registradas de uma única forma, porque há uma agência que está, por assim dizer, monopolizando. As fotografias da guerra, por exemplo, são as mesmas em vários jornais. Nós não temos acesso às fotos e aos noticiários dos árabes; estamos condenados a ver e nos informarmos de uma maneira única e extremamente limitada. A globalização da mídia e das mensagens, a multiplicação de técnicas eletrônicas na área da mídia são também uma expressão desse quadro de mundialização.

JU – Como combater esse estado de coisas?

Ianni – Há muita gente na filosofia, na arte, na ciência e no próprio jornalismo que não está contente com esse quadro. Essas pessoas estão pensando criticamente os acontecimentos. Então se abrem outros horizontes.

JU – Mas até que ponto o mercado já não canibalizou essas tentativas de resistência?

Ianni – Não há dúvida que existe uma mercantilização da cultura. Mas o jornalista, o cientista social e o romancista não se ajustam



Novo paradigma

sempre e exclusivamente a essas conjunções.

JU – O senhor acha que as reações à guerra no Iraque se enquadram nesse contexto?

Ianni – Vamos voltar. Hoje o mundo é mais sistêmico do que nunca. A própria guerra é uma operação sistêmica. Ela foi planejada em detalhes, só que não está dando certo. É aquilo que aconteceu com o Garrinha na copa de 58... Os americanos esqueceram de explicar aos iraquianos que eles tinham que se comportar do jeito que o Pentágono queria. A visão sistêmica é burra, porque supõe que o outro vai se ajustar aos comportamentos que são previstos por aqueles que estão tomando decisões. Na verdade, não aconteceu isso, assim como na Guerra do Vietnã. Apesar de predominante, a visão sistêmica está sendo questionada porque as pessoas – apesar da força da agressividade dessas estruturas – estão ligadas à vida, ao trabalho, estão trocando informações. Acontece que o movimento pacifista em escala mundial é um movimento contra a guerra, é um movimento antiamericano, é um movimento que prega outras formas de ver o mundo. E isso está fertilizando o pensamento de cientistas, de jornalistas, de pesquisadores e de artistas. Nós teremos seguramente um florescimento. Nos Estados Unidos, artistas de música popular estão protestando contra a guerra, fora outras categorias.

JU – O senhor acredita que a resistência e o poder de organização crescem na mesma medida da mundialização?

Ianni – Sem dúvida. Temos sempre exceções. Alguns jornalistas, por exemplo, são muito vivos. Começam a entrevistar os velhos generais ativos e reformados dos Estados Unidos, colocando a nu as velhas divergências militares sobre a guerra no Iraque. Acho isso uma operação interessante. Quer dizer, o jornalismo agindo com objetividade, mas indo em fontes de informações que ponham em causa a doutrina da guerra preventiva que Bush levou às últimas consequências. Nesse sentido, é que o mundo sistêmico, que está presente na universidade, na mídia, nas corporações, que predomina e domina o mundo de uma maneira avassaladora, não consegue monopolizar integralmente essa realidade. As inquietações de diferentes categorias sociais, de diferentes partes do mundo, estão rompendo com essas estruturas rígidas, apesar de os americanos agirem de acordo com o esquema transnacional. O Pentágono pensou que a guerra ia durar uma semana, e tudo ia dar certo. Na verdade, as coisas no Iraque, no mundo árabe, as pessoas na sociedade americana, na sociedade inglesa, nas várias sociedades, estão protestando. O que nós temos é uma revolta da realidade social, do mundo social, contra modelos que são asfixiantes e inspirados por uma visão sistêmica.

JU – Qual o papel da ciência e da tecnologia nesse universo?

Ianni – A ciência e a técnica estão, por enquanto, sendo administradas e monopolizadas pelas estruturas

de poder, pertencentes às elites e às classes dominantes em escala nacional e mundial. Você sabe que a reforma do sistema de ensino do primeiro, segundo e terceiro graus que está sendo feita no mundo é uma reforma preconizada e imposta pelo Banco Mundial, que é uma organização sistêmica? A realidade é a seguinte: a ciência e a técnica que, em abstrato, por hipótese, são inocentes, têm sido usadas em escala crescente, como técnicas de poder.

JU – No caso da guerra, isso fica patente. Como o senhor vê o uso indiscriminado de equipamentos militares de última geração sob o pretexto de se poupar vidas de civis?

Ianni – A guerra que estão fazendo contra o Iraque é uma guerra na qual se mobilizam os conhecimentos científicos e tecnológicos os mais sofisticados para esmagar e destruir uma nação. Destruir aparentemente um governo, mas na verdade dilapidar os recursos naturais e materiais, destruir e provocar uma mortandade em grande escala naquele país. A solução é humanizar o uso da ciência e da técnica. Acontece que a sociedade burguesa faz parte de uma estrutura poderosa de poder das classes dominantes.

JU – Qual seria a saída?

Ianni – A única solução possível é a socialização dos meios de produção, é a transformação radical das estruturas da sociedade, para que, então, a ciência, a técnica, a cultura e as artes estejam à disposição da maioria da população e que os usos que se possam fazer desses recursos científicos e tecnológicos, artísticos etc, sejam os mais democráticos possíveis. Sem transformar a sociedade, não há ciência e técnica a serviço do humanismo.

JU – Como democratizar o acesso à tecnologia?

Ianni – Em alguns setores é claro que há uma certa difusão, mas você nota que no mundo contemporâneo o desemprego é avassalador, as doenças são sérias, a fome grassa. E, no entanto, o mundo hoje é muito rico, mas a distribuição dessa riqueza é muito desigual. Então, no limite, de fato na sociedade burguesa e democrática é possível alcançar alguns objetivos limitados de democratização da ciência. Mas a real e plena democratização da ciência e da técnica só será possível numa sociedade socialista. Imagine os Estados Unidos sendo uma sociedade socialista, bastante desenvolvida, com recursos científicos e técnicos que poderiam colocar tudo isso a serviço da população. É claro que isso resultaria numa democratização ampla não só dos recursos científicos e tecnológicos, mas numa real democratização política e social.

JU – O senhor acredita na reversão de modelos secularmente arraigados?

Ianni – É isso que vai acontecer futuramente. Seria ilusório imaginarmos que o mundo vai ser sempre capitalista, injusto é bárbaro. Eu acho que é perfeitamente factível que, na sucessão dos acontecimentos, das tensões, das lutas sociais, nós vamos ter um processo de socialização. Pode ser uma socialização lenta, pacífica, paulatina, atingindo diferentes setores. Dependendo do país e do

continente, pode ser uma socialização resultante de conflitos mais drásticos. Mas não há nenhum argumento sustentável que consiga defender a tese de que o capitalismo é o único e definitivo modo de produção que se instalou no mundo. O feudalismo decaiu, o escravismo decaiu e o capitalismo está vivendo uma crise muito séria. Na minha utopia, se houver – como provavelmente haverá – um processo de socialização culminará na democratização social e política. Por que não imaginar que isso é possível? Trata-se de sonho de toda a história do mundo moderno. Desde o Renascimento isso é um grande sonho.

JU – O senhor consegue enxergar, nesse cenário, sinais de que as coisas estejam tomando outro rumo?

Ianni – Pode ser que isso se transforme em realidade. Uma condição importante para que isso aconteça é o declínio da supremacia norte-americana. Ele já começou e virá acompanhado de muitas convulsões em escala mundial. E essas convulsões, que serão penosas, danosas, vão fertilizar o mundo para novas perspectivas.

JU – Como, a seu ver, a universidade tem se comportado nesse cenário convulsionado?

Ianni – O uso crescente da tecnologia e sua respectiva industrialização produzem uma adoção crescente da razão técnica-instrumental no âmbito da universidade, o que em si não é nem ruim nem bom. É uma realidade, tudo bem. Só que está havendo um predomínio exclusivo do pensamento tecnocrático. Estão reduzindo, senão marginalizando, continuamente, o pensamento crítico. O pensamento instrumental está invadindo crescentemente a universidade. O argumento é bonito: nós temos que fazer pesquisa para resolver problemas sociais. Eu pergunto: problemas sociais de quem? Na verdade, muitas das conquistas técnicas que a universidade tem produzido são usadas pela empresa privada. E o desemprego é crescente. Na verdade, o uso das conquistas científicas e tecnológicas para a maioria da população ainda está muito restrito. E o problema, grave, é que a universidade está sendo invadida por interesses tecnocráticos não só alheios a ela. Setores internos acreditam que fazer pesquisas de acordo com certos projetos de corporações é um trabalho válido para a sociedade.

JU – O senhor acha essa visão equivocada?

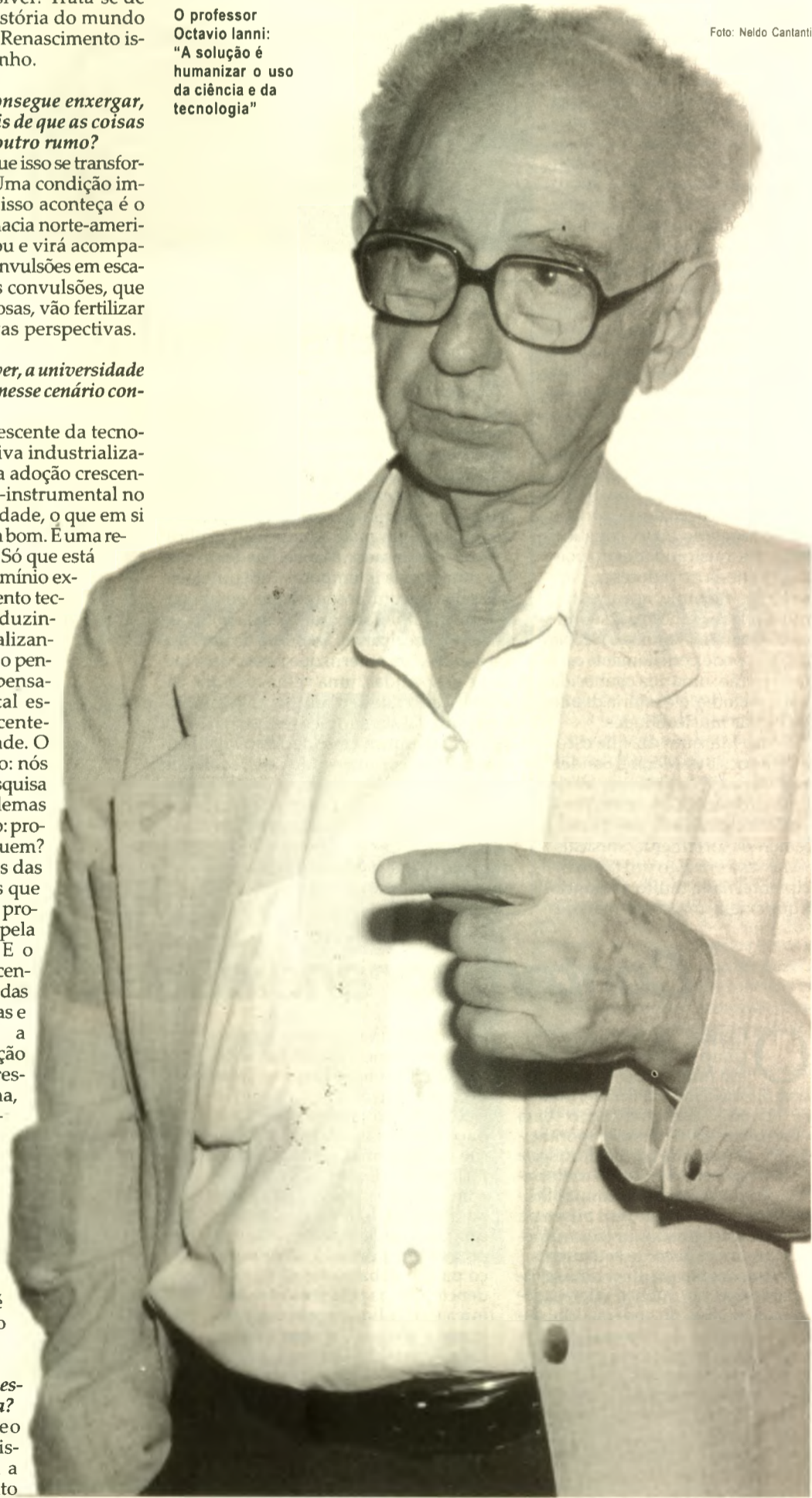
Ianni – Depende. Se o resultado vai ser distribuído para toda a sociedade é muito

bom. Mas, se os resultados vão servir para certas corporações aperfeiçoarem as inovações, não entendo, porque quem se beneficia dos lucros e das vantagens que se obtêm são essas empresas e corporações. Então, está havendo esse fenômeno que eu chamo de uma reversão. A universidade nasce comprometida com a ciência, que é uma forma de praticar o pensamento crítico, mas o pensamento tecnológico está aumentando sua presen-

ça no meio universitário e isto é muito evidente. Há setores, inclusive – e falo das ciências sociais –, em que o exercício do pensamento crítico é malvisto. É provável que haja algo semelhante nas ciências físico-naturais, mas é um péssimo sinal que o exercício do pensamento crítico, independente, como uma forma de levantar novas hipóteses, novas perspectivas, esteja sendo considerado como irreverente ou como desnecessário.

O professor Octavio Ianni: "A solução é humanizar o uso da ciência e da tecnologia"

Foto: Neldo Cantanti



Pesquisador mostra por que obra do escritor sempre foi referência para compositores

Bandeira, o poeta que escrevia por música

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br

Talvez o poeta Manuel Bandeira (1886-1968) não construísse seus poemas com a intenção de vê-los musicados. Ou quem sabe nem buscase usar esse expediente com o propósito de tornar sua literatura mais popular. O fato é que, em grande parte de seu repertório poético, encontram-se obras cujos versos podem ser interpretados como se fossem músicas. No poema *Andorinha*, *Andorinha*, por exemplo, em que ele escreve "... passei à vida à toa, à toa". Só um compositor de câmara seria capaz de interpretar bem a música com um verso desses. Ou então como tão bem fizeram Antonio Carlos Jobim e Vila-Lobos, em épocas diferentes, com o poema *Trem de Ferro*, escrito em 1936.

Bem, o estudante Pedro Marques passou mais de três anos analisando o que havia de musical no verso do poeta pernambucano. Para isso, leu aproximadamente duas centenas de livros, alguns em língua estrangeira, cujo trabalho resultou na dissertação de mestrado *Musicalidades na Poesia de Manuel Bandeira*, sob orientação da professora Orna Messer Levin, apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Pedro Marques concentrou sua análise basicamente em três textos de Bandeira: *Na Rua do Sabão*, inserido no livro *Ritmo Dissoluto* (1924), *Pensão Familiar*, do livro *Libertinagem* (1930) e *Sacha e o Poeta*, que consta do livro *Estrela da Manhã* (1936), nos quais pode-se sentir uma forte carga de musical.

O pesquisador esclarece que a primeira coisa que se verifica de musical no texto *Na Rua do Sabão* é a utilização do refrão popular de domínio público: "Cai cai balão/cai cai balão/na Rua do Sabão". A repetição dessa estrutura, ao longo do texto, constitui uma das musicalidades do poema. A poesia trovadoresca, para se ter um exemplo, usa ao extremo o refrão como recurso musical. Quando o leitor lê o *Na Rua do Sabão* pode perfeitamente cantar o refrão; uma vez conhecida a sua melodia, ele estaria diante de outras musicalidades.

Pedro Marques diz que escolheu a poesia de Manuel Bandeira motivado por observações de críticos da época que afirmavam possuir a poesia de Bandeira elementos fortemente musicais. "Mas isso era algo um tanto incipiente, nada muito profundo e que exigia um estudo mais de-

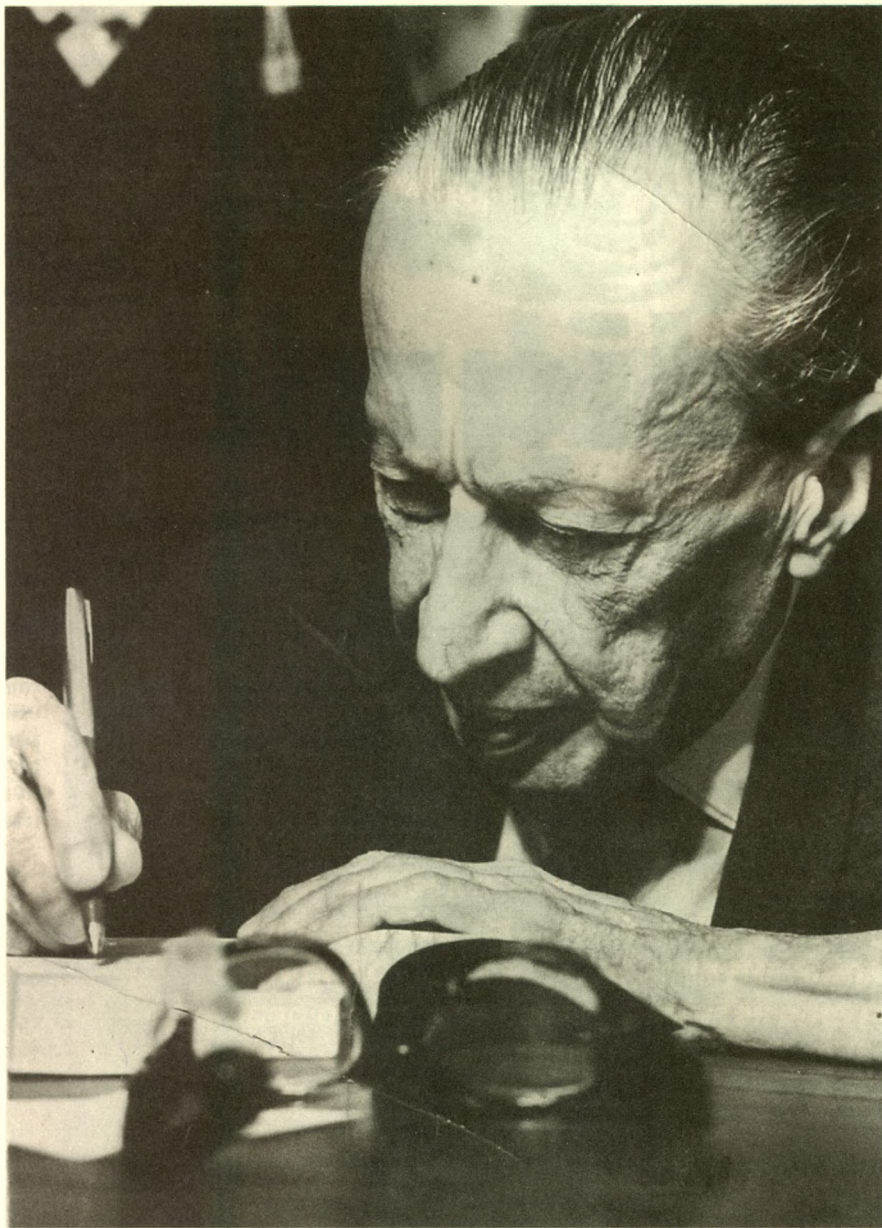


Foto: AE

Manuel Bandeira, em foto do início dos anos 1960: poeta pernambucano antecipou conceitos do Modernismo

talhado", explica. Como músico (toca violão), poeta e estudante admirador da obra de Bandeira, Pedro diz ter percebido que grande parte dos textos do poeta pernambucano possui uma musicalidade subentendida, fruto talvez de um trabalho extremamente elaborado com a palavra. Seus poemas tendem a não oferecer qualquer dificuldade de leitura, por ter uma linguagem fluente. Por isso, não constituem obstáculos para um compositor que queira musicá-los.

"Concentrei o meu estudo nessas três obras – *Na Rua do Sabão*, *Pensão Familiar* e *Sacha e o Poeta* – porque considero que por meio delas Bandeira se firma como grande poeta de língua portuguesa", diz Pedro. No entanto, acentua que não é em todos os momentos que o poeta demonstra a intenção de fazer um trabalho cuja estrutura pudesse ser adaptável a uma composição musical. Já em outros textos, porém, fica evidente o desejo de vê-los musicados. "Como no poema *Debussy*, que foi feito com esse propósito – o qual apresenta todos os elementos para uma boa composição musical: ritmo, frases, palavras, rimas e métrica. "Para cá, para lá.../Para cá, para lá.../Um novelozinho de linha/Para cá, para lá.../Para cá, para lá.../Oscila no ar pela mão de uma criança (Vem e vai...) Que delicadamente e quase a adormecer o balanço – Psio... – Para cá, para lá... – O novelozinho caiu."

Análise se concentrou em três textos

Versos trabalhados à exaustão

"A estrutura do poema recria uma frase melódica de Claude Debussy, o compositor. Bandeira pega então uma linha melódica de uma peça de Debussy – *La jeune fille aux cheveux de lin* – e tenta imitá-la, acompanhando-a com palavras (que constituem o seu poema) aquilo que só seria possível evidentemente por meio da música", explica.

Para o pesquisador, Manuel Bandeira – que fez uma poesia intemporal – era um poeta que sabia estruturar seus temas, geralmente muito simples: recordações da infância, um amor irrealizável, a sombra de uma doença grave, um enterro que passa, uma tarde de despedidas, uma velha casa que vai abaixo e na qual se sofreu e se amou muito. Cada um desses simples temas é a célula principal de um processo de desenvolvimento temático, enriquecendo-se e revelando facetas novas, inesperadas, que se enquadra na forma para a qual estava destinada e, enfim, formando o poema. Manuel Bandeira foi um autor que escreveu relativamente pouco, "pois era um poeta extremamente meticoloso, que trabalhava muito a utilização da palavra, e buscava incessantemente a expressão certa, empregan-

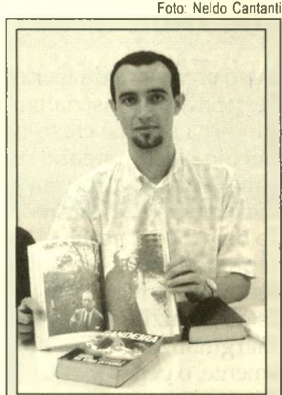


Foto: Neido Cantanti

Pedro Marques, o autor da tese: leitura de cerca de 200 livros em três anos de pesquisa

do-a da maneira mais correta possível", diz Pedro.

Sem Manuel Bandeira provavelmente não haveria no Brasil poesia modernista, ou, então, ela não seria o que foi. Por ser um homem receptivo a tudo o que era novo, não se filiando a nenhuma escola, moda ou estilo, Bandeira era tido como exemplo de inovação e técnica e dono de uma escrita apurada, começando por fazer versos livres antes mesmo do Movimento Modernista de 22. Com *Carnaval* (1919), seu segundo livro, o poeta acabou antecipando determinados conceitos do Modernismo; embora preso a reminiscências simbolistas e parnasianas, também impregnadas da velha herança do lirismo português, Bandeira mereceu mais tarde o cognome de São João Batista do Modernismo, que lhe fora dado por Mário de Andrade.

Bandeira não ganhou dinheiro com poesia, mas, seguramente, foi um dos mais populares entre os poetas brasileiros, artistas, pensadores e até mesmo músicos. Certa vez, Carlos Drummond de Andrade afirmou que "Manuel de Andrade era o poeta nacional".

TRECHOS

NA RUA DO SABÃO

Cai cai balão
Cai cai balão
Na Rua do Sabão!
O que custou arranjar
aquele balãozinho de papel!
Quem fez foi o filho da lavadeira.
Um que trabalha na composição
do jornal e tosse muito.
Comprou o papel de seda,
cortou-o com amor,
compôs os gomos oblongos...
Depois ajustou o morrão de pez
ao bocal de arame.
Ei-lo agora sobe – pequena coisa
tocante na escuridão do céu.

PENSÃO FAMILIAR

Jardim da pensãozinha burguesa
Gatos espapaçados ao sol.
A tiririca sitia os canteiros chatos.
O sol acaba de crescer as boninas
que murcharam.
Os girassóis amarelos! Resistem.
E as dalias, rechonchudas,
plebéias, dominicais.
Um gatinho faz pipi.
Com gestos de garçom
de restaurant-Palace
Encobre cuidadosamente
a mijadinha.
Sai vibrando com elegância
a patinha direita:
- E a única criatura fina
na pensãozinha burguesa.

SACHA E O POETA

Quando o poeta aparece,
Sacha levanta os olhos claros,
Onde a surpresa é o sol que vai
nascer.
O poeta a seguir
diz coisas incríveis,
Desce ao fogo central da Terra,
Sob na ponta mais alta das nuvens,
Faz gurugutu pif paf,
Dança de velho,
Vira Exu,
Sacha sorri como o primeiro aro-
íris.
O poeta estende os braços, Sacha
vem com ele.
A serenidade voltou de muito longe
Que se passou do outro lado?
Sacha mediunizada
- Ah-pa-papapá-papá-
Transmite em Morse ao poeta
A última mensagem dos Anjos.

Contemporaneidade é tema da revista Resgate

O Centro de Memória-Unicamp acaba de lançar mais um número de *Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura* (número 11) que apresenta como tema "Um olhar sobre a contemporaneidade". A presente edição de *Resgate* (128 páginas, R\$ 8,00) é a materialização do esforço do Comitê Editorial da revista que, em busca da atualização, produziu três números em um espaço de sete meses.

"É um desafio produzir uma revista acessível ao público não-acadêmico, sem, contudo, abrir mão do conteúdo denso e da boa qualidade editorial que requer uma publicação produzida no âmbito da Universidade. Encarar este desafio tem sido o nosso objetivo", afirma a diretora do Centro de Memória-Unicamp, Olga von Simon. Segundo ela, *Resgate*, desde a sua primeira edição, em 1990, busca ultrapassar a barreira da in-

comunicabilidade com o público leigo, fenômeno constante em revistas científicas nas diferentes áreas do conhecimento.

Resgate pretende cobrir o espaço que vai do jornal à produção da Academia, mediando a interlocução desses dois níveis, com o propósito de tornar mais palatável ao leitor o que se produz na Universidade. "Nossa proposta é, portanto, abrir espaço para o debate que não se cadencie apenas pela pulsão acadêmica e pela linguagem eminentemente técnica", afirma o jornalista Amarildo Carnicel, editor da publicação. Ele explica que a revista visa também atingir a sociedade mais ampla por meio de um diálogo com os diferentes segmentos da comunidade acadêmica e tornar-se canal efetivo para a veiculação das criações



nas áreas artísticas, literárias e de humanidades em geral.

A edição – Os artigos reunidos nesta 11ª edição compõem o dossiê "Um olhar sobre a contemporaneidade". Sob essa ótica, reúne trabalhos que veiculam criações artísticas, literárias e de humanidades em geral. "Sugerem e discutem modos de olhar e de pensar o agora dentro de uma perspectiva teórica que, em alguns momentos, se vale também do passado para melhor compreensão do presente", afirma o editor. "A propósito, se o momento em que vivemos pode ser chamado de "Era da imagem", nada mais oportuno que o tema "imagem" – em seus diferentes suportes – para uma discussão nesta edição", avalia.

Mas *Resgate* não abriga apenas artigos, ensaios e resenhas. Con-

tos, poesias e crônicas compõem a seção "Empório Literário" que, nesta edição, traz o poema *A cidade e os livros*, em que o linguista e poeta Carlos Vogt mostra sua paixão por São Paulo durante um passeio, em diferentes épocas, pela "Paulicéia Desvairada".

Como se observa neste número, *Resgate* procura preservar seu projeto original, conforme disse um dia seu idealizador, o historiador José Roberto do Amaral Lapa: "Não é necessário renunciar ao nicho acadêmico para chegar a leitores que não têm familiaridade com monografias, dissertações e teses. É possível preencher, de forma harmoniosa, essa lacuna situada entre o rigor da investigação acadêmica e a leveza da informação cultural". Pelo menos, esta é a proposta da revista que recupera seu espaço entre as revistas acadêmicas de cultura.

HC da Unicamp é o primeiro hospital público do País a adotar técnica tida como revolucionária

Cirurgia a laser reduz internação de paciente com câncer de laringe

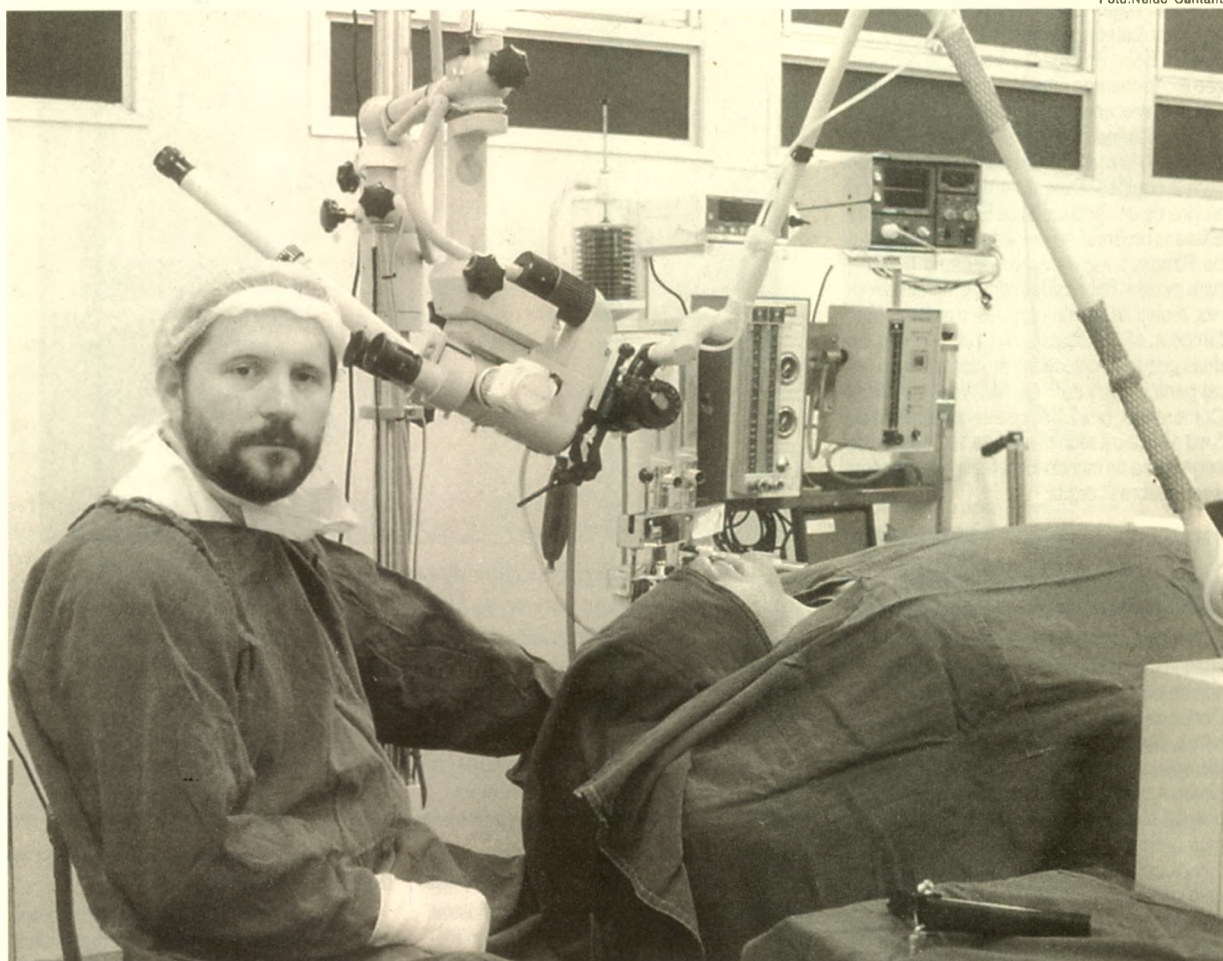


Foto: Nélido Cantanti

O médico Agrício Nubiato Crespo, coordenador do serviço: "Resultados obtidos têm sido muito bons"

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br

O Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp tornou-se a primeira instituição pública de saúde do país a implantar um serviço de cirurgias endoscópicas para o tratamento do câncer de laringe a laser de gás carbônico (CO₂). Trata-se de uma prática revolucionária dentro da oncologia por apresentar uma série de vantagens para o paciente. Para citar apenas uma, basta dizer que o paciente não sofre a violência provocada pela traqueotomia, aquele orifício feito na base do pescoço, por exemplo.

Prática tem uma série de vantagens

"E os resultados obtidos até agora com essa cirurgia têm sido muito bons", salienta o médico Agrício Nubiato Crespo, coordenador do serviço. O Brasil é o segundo país no mundo em incidência de câncer de laringe – que atinge 17 indivíduos numa população de 100 mil habitantes – e detém a quarta colocação de câncer mais frequente no sexo masculino no país. Na cirurgia endoscópica do câncer de laringe a laser, o paciente que é operado entra no hospital pela manhã e vai embora no mesmo dia, à tarde, ou, no máximo, na manhã do dia



seguinte. Nesse tipo de procedimento não há a manipulação direta sobre o tumor, permitindo ao médico efetuar a cirurgia sem cortes externos na pele do paciente. A prática é revolucionária porque permite ainda que o tumor possa ser fragmentado e as partes retiradas sequencialmente, o que não deve ser feito na cirurgia convencional.

"Na convencional, isso já não é possível porque, quando manipulado, o tumor pode disseminar células cancerígenas que entram na circulação linfática possibilitando que sejam espalhadas para outras regiões do corpo", explica Agrício. Com a nova técnica, isso não ocorre, pois não há manipulação direta, mas apenas um feixe de luz do laser, que corta e faz com que os tecidos seccionados evaporem.

Na cirurgia tradicional o paciente é internado, em média, por uma semana. Durante esse período, depois da cirurgia, permanece alimentando-se por dez a quinze dias unicamente por uma sonda nasogástrica (que vai do nariz ao estômago). Mesmo depois de voltar para casa, pode não conseguir deglutir os alimentos de modo eficiente. E mais: para que o paciente, em fase de recuperação, respire com segurança, é feita a traqueotomia. O paciente fica com esse recurso por dez ou quinze dias.

"Todo esse processo acaba se tornando muito traumático para o doente. Já na cirurgia endoscópica o paciente deixa o hospital sem a sonda nasogástrica, sem sofrer a agressão da traqueotomia e, por isso mesmo, com boas condições de poder alimentar-se já na manhã do dia seguinte à cirurgia e, a partir daí, levar uma vida próxima do normal", explica Agrício. Do ponto de vista psicológico, o paciente se sente imensamente melhor, e sua recuperação é bastante rápida.

"Uma coisa é preciso que fique clara: a cirurgia com o laser de CO₂ não cura mais nem menos que a convencional. A capacidade curativa é igual para ambos os tipos. Tanto num quanto no outro, o índice de cura fica em torno de 95% nos tumores iniciais e vai caindo em relação aos casos mais evoluídos.

Tratamento para tumores iniciais

As cirurgias endoscópicas de câncer de laringe usando laser de CO₂ realizadas gratuitamente na Unidade de Medicina a Laser do HC da Unicamp, dependendo das dimensões do tumor, duram de 45 minutos a duas horas. Destinam-se basicamente aos tumores iniciais da laringe. Segundo o médico, não é tarefa difícil diagnosticar um câncer de laringe, porque uma das primeiras manifestações da doença é a rouquidão. "É uma doença que inicialmente demora a evoluir. Para ele, todo fumante adulto, que apresente rouquidão, com duração de mais de três semanas, "até que se prove o contrário", é passível de ser portador de um tumor de laringe.

Esse é o melhor momento para que a doença seja diagnosticada. Por isso, é muito bom que as pessoas fiquem atentas quanto a possíveis rouquidões que se verificarem um tanto demoradas. O grande vilão associado ao câncer de laringe é o tabagismo. "Isso é absolutamente inquestionável", afirma Agrício, taxativamente.

Estudos científicos revelam que um fumante tem de sete a dez vezes mais chances de desenvolver um tumor desse tipo do que as que não possuem esse hábito. O álcool, por sua vez,

representa papel importante em todo esse contexto. O problema se torna ainda mais perigoso quando existe a associação do cigarro com o álcool. Um indivíduo com esse duplo hábito é um forte candidato ao grupo de risco. A doença não é exclusiva da laringe: pode surgir na língua, nos pulmões e outros locais.

"Calculamos que essa associação cigarro/álcool intensifica ainda mais o problema. Se não tivéssemos fumantes não teríamos nem 10% do número dos casos de câncer de laringe que temos hoje", diz o médico da Unicamp.

Índice de cura é alto

Essa técnica de cirurgia endoscópica com laser de CO₂ existe há aproximadamente 15 anos, principalmente na Alemanha, onde foi originalmente desenvolvida, mas, por diversas razões, ficou restrita durante muito tempo. Na Unidade de Medicina a Laser, no 2º andar do HC, são realizadas, em média, de duas a três cirurgias por semana. Por enquanto é um número reduzido. O índice de cura, com base na experiência do pessoal que trabalha na Unidade da Unicamp, está em torno de 95% a 100% para tumores em fase inicial. Para o tratamento de tumores intermediários, esse índice cai para em torno de 80% a 75%. "Para o tratamento de tumores considerados avançados, nós não utilizamos o laser. Preferimos, no caso, empregar as técnicas convencionais", acentua Agrício. Ele considera a cura total quando o indivíduo fica livre da doença por um período superior a cinco anos. "Mas com relação ao câncer de laringe, particularmente após 36 meses, já temos uma alta segurança e confiabilidade no método de que a doença esteja curada".

Pesquisador desenvolve bolo diet enriquecido com fibras

Foto: Antoninho Parn

Ingredientes:

farinha de trigo
litesse
gordura vegetal hidrogenada
ovo in natura
leite em pó desnatado
fermento em pó químico
emulsificante Dimodan
sorbitol em pó
acesulfame-K
ciclomato e sacarina
fibra de laranja dos tipos:
extrusada
e não extrusada
aroma de chocolate
cacao em pó
conservante propionato de sódio



RAQUEL DO CARMO SANTOS

kcl@unicamp.br

Uma pesquisa conduzida na Faculdade de Engenharia de Alimentos desenvolveu um bolo pronto na versão diet. O produto tem a vantagem de ser enriquecido com fibras. A dissertação de mestrado "Desenvolvimento de bolo diet enriquecido com fibras: otimização do produto através de testes sensoriais afetivos" foi apresentada pelo engenheiro de alimentos Lúcio Boni Turola e orientada pela professora Maria Aparecida Azevedo P. da Silva.

Foram testadas onze formulações

Turola conta que sua expectativa foi desenvolver um produto diet com alto valor nutricional e pertencente ao hábito alimentar do brasileiro. O bolo foi escolhido porque ele já havia realizado pesquisa semelhante quando aluno de graduação, na própria FEA, quando desenvolveu um produto que chegou, inclusive, a ser comercializado em supermercados da região. "A partir deste projeto, resolvi otimizar a pesquisa e desenvolver um produto mais completo". Segundo Turola, a receita é inédita

Foto: Nélido Cantanti



O engenheiro de alimentos Lúcio Boni Turola: redução de 80% da gordura e de 19% das calorias

– além de não possuir açúcar e gordura, o bolo também é enriquecido com fibras, o que melhora o metabolismo no organismo. Desta forma, indivíduos com dietas controladas, restritas em açúcares e gorduras, pacientes diabéticos, hipertensos, obesos e com doenças cardiovasculares podem ser beneficiados.

Para chegar ao produto final sem adição de açúcar, o pesquisador, subs-

tituiu, desde as primeiras experiências, os açúcares pelos edulcorantes não calóricos. "Procurei um adoçante natural que fosse encontrado com facilidade no mercado e que, preferencialmente, já fosse utilizado no ramo de panificação". Após várias tentativas, o produto final foi considerado muito bom. Depois, Turola resolveu aprimorar a receita eliminando a gordura e acrescentando fibras. "Nesta etapa foram 11 formulações diferentes". Com isso, conseguiu chegar à redução de 80% da gordura e de 19% das calorias em relação ao bolo tradicional.

A fase mais importante da pesquisa foi verificar a aceitação global do produto pelo consumidor. Para isso, o pesquisador aromatizou o bolo nos sabores laranja, chocolate e baunilha. Ele explica que aplicou o processo de análise sensorial afetiva para ver junto ao consumidor a aceitação quanto ao sabor, textura e aparência. A preferência maior foi para o bolo sabor laranja. Os testes também foram feitos por provadores habituais do ramo da panificação, especialmente treinados para a tarefa. A análise descritiva contou com a avaliação de itens como maciez, umidade e intensidade. Turola pretende, no momento, buscar parceria para a industrialização do produto.

Vida Acadêmica

UNICAMP NA IMPRENSA

▼ O Globo

■ **26 de março** – A violenta tempestade de areia que se abateu ontem sobre o Iraque prejudicando o funcionamento de parte do aparato bélico anglo-americano e atrasando o avanço das tropas foi uma das mais severas já registrada no país nos últimos anos. (...) — Trata-se de um tremendo obstáculo para os veículos militares — afirmou o almirante Armando Vidigal, do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp. — A areia prejudica a lubrificação dos veículos e é triturada em suas engrenagens.

▼ Jornal da Tarde

■ **26 de março** – Projeto contra a reserva de vagas para negros já foi apresentado. Outro, que institui o sistema, está a caminho. (...) De outro, o deputado Sebastião Arcaño, o Tjãozinho (PT), pretende apresentar em 15 dias projeto de lei propondo o contrário: a criação de cotas para negros nas três universidades públicas paulistas - USP, Unesp e Unicamp.

▼ Correio Popular

■ **26 de março** – Cento e cinquenta profissionais da área de educação participam nesta quarta-feira da abertura do ciclo de mesas-redondas 2003 da Acorde - Cooperativa Educacional (CE). Neste primeiro encontro, o tema será "Alfabetização, Leitura e Escrita". O evento acontece em parceria com a Rede Anhangüera de Comunicação (RAC), por meio do Correio-Escola, e com o apoio da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

■ **27 de março** – Mais da metade dos bairros de Campinas que não possuem asfalto deverá ter suas ruas pavimentadas com o cascalho de aço da empresa Villares Metals S.A., de Sumaré, em um prazo de cerca de 14 meses. (...) A Central Analítica do Instituto de Química da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) chegou a analisar amostra do material retirado e concluiu que o cascalho não oferece risco à saúde e ao meio ambiente. A análise custou R\$ 2.160,00 e foi pedida pela Prefeitura.

■ Os estudos científicos sobre a leitura tiveram um grande avanço nos últimos anos no Brasil. A informação foi fornecida ontem à noite pela professora Norma Sandra Ferreira, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), durante mesa-redonda organizada pela Cooperativa Educacional Acorde e pelo projeto Correio Escola, do Departamento de Educação da Rede Anhangüera de Comunicação (RAC), em parceria com a Lu Triunfo.

■ **30 de março** – O alerta feito pelos técnicos da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de Campinas (Cetesb) de que restam menos de dois anos para que os 480 mil metros quadrados do Aterro Sanitário Delta 1 atinjam a sua capacidade máxima de armazenamento de lixo afetou em cheio a vida de cada um dos pouco mais de um milhão de habitantes da cidade. (...) Todos devem saber que a redução na quantidade de detritos dispensados na lata do lixo já começa desde o momento em que os materiais são produzidos nas empresas", afirma Waldir Bizzo, diretor do Departamento de Limpeza Urbana (DLU) e professor de Engenharia Térmica e de Fluidos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

■ **30 de março** – A ameaça já havia sido profetizada pelo então professor do Departamento de Botânica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Hermógenes de Freitas Leitão Filho, em 1995.

■ **31 de março** – O percussionista Vinicius Geribello, ex-aluno da Unicamp, comemora hoje seus 50 anos de vida e 31 de carreira reunindo mais de 100 músicos na Estação Cultural. (...) "O Adail (músico da cidade) durante um ensaio na Unicamp, me ensinou que o Hino Nacional é um frevo, por isso é alegre", recorda o percussionista.

▼ Folha de S. Paulo

■ **26 de março** – A verdade sobre o programa Fome Zero está cercada de muitas versões, algumas de caráter meramente especulativo, outras alimentadas por vieses interesseiros que costumam servir de escudo a analistas pouco comprometidos com uma efetiva política de combate à miséria no Brasil. (...) Pois bem, no dicionário da qualificação profissional na área de segurança alimentar, José Graziano é estrela de primeira grandeza. Formulador, estudioso aplicado da questão, zeloso e fiel intérprete do ideário mais condizente com a realidade nacional, este professor da Unicamp se insere, seguramente, entre os mais preparados para coordenar o programa-símbolo do governo Lula.

PA NEL DA SEMANA

■ **Otimização** – Às segundas-feiras, o Departamento de Matemática Aplicada (DMA) do Imecc, realiza os Seminários de Otimização. O encontro, que reúne especialistas da área, acontece, às 14 horas, na Sala de Reuniões do DMA. Dia 7 (segunda-feira), o professor Rodrigo Portugal fala sobre "Equilateralidade em Triângulos de Superfícies". No dia 14 de abril, professor Roberto Carlos Thomé, apresenta o tema "Método das Assíntotas Móveis".

■ **Museus Municipais** - O Departamento de Geociências Aplicadas ao Ensino do Instituto de Geociências, promove dia 8 (terça-feira), a palestra "Museus Municipais de Campinas: caminhos e descaminhos", que será apresentada pela Profa. Dra. Sonia Fardin, Coordenadora de Museus (Secretaria Municipal de Cultura de Campinas/Prefeitura Municipal de Campinas), às 9 horas, na Sala EB 07 do Instituto de Geociências. Informações: 37884568.

■ **Eribêra** – O show de lançamento do CD "Eribêra" acontece no dia 9 (quarta-feira), às 12h30, no auditório do IA. Uliana Dias (voz) e Marcel Rocha (guitarra) formam o duo Eribêra. Ele, advogado e guitarrista, mestrando em música popular. Ela, socióloga e cantora, ex-aluna de música popular e mestranda em história social da cultura na Unicamp. Conheça o duo em www.bgol.com.br/cultura/eri.htm

■ **Melhoria de processo** – O Softex Campinas promove o seminário "Introdução à Melhoria de Processo de Software com ISO/IEC 15504 (SPICE) e CMMI Integration". O evento é uma parceria com o Centro de Pesquisa Renato Archer. Dia 11 de Abril de 2003, das 8h30 às 17 horas. Local: CenPRA - Centro de Pesquisas Renato Archer, Rodovia Dom Pedro I, km 143,6, bairro: Amarais - Campinas / SP. Informações e inscrições: tibeti@cps.softex.br, telefone (19) 3287-7060.

■ **Oficina de Física** – O Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW) da Unicamp e o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS) organizam, no próximo dia 12 (sábado), o 6º Oficina de Física: Aplicações de Física em Biologia e Medicina. O objetivo é divulgar informações atuais sobre ciência através de palestras dinâmicas e demonstrações sobre temas relacionados com as pesquisas atuais em física. O evento, que será realizado no auditório do IFGW, é dirigido ao público em geral, com uma grande participação de professores do ensino médio. Além de palestras, a programação incluirá também uma visita às instalações do LNLS. Informações e inscrições podem ser obtidas em www.ifi.unicamp.br ou por telefone 3788-5303 (com Dirce).

■ **Voz** – Campanha da Voz será realizada nos dias 12 (sábado) a 16 de abril, a partir das 9 horas, no ambulatório de Otorrinolaringologia do HC (2º andar), coordenada pelo médico Agrício Nubiato Crespo. Como parte dos trabalhos, mais de 30 médicos e equipe paramédica estarão envolvidos no atendimento aos pacientes encaminhados dos Postos de Saúde com histórico para investigação detalhada. Os casos de demanda espontânea também serão atendidos e se submeterão à triagem no hospital. A entrada é franca e gratuita. Informações sobre a participação na campanha: telefones 3788-7523 ou 3255-1966.

■ **SisPot 2003** – O Encontro de Pesquisadores em Sistemas de Potência (SisPot) será realizado nos dias 14 e 15 de abril, na Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC). O evento tem como objetivos divulgar trabalhos de pesquisas na área de sistemas de potência e criar oportunidade para os alunos apresentarem seus trabalhos. Mais informações: <http://www.dsee.fee.unicamp.br/~ccastor/SisPot-2003/welcome.html>

■ **Michel Debrun** – O Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas promove, sob a coordenação do professor Michael Beaumont Wrigley e em parceria com a Unesp de Marília e Rio Claro, o 7º Colóquio Internacional Michel Debrun: Novas Tendências das Ciências Cognitivas no Século 21, no período de 22 a 24 de abril. O evento, que é também uma homenagem ao professor Michel Debrun, Titular e Emérito da Unicamp, fundador do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, CLE, propõe-se a ser um grande fórum de incentivo, discussão, atualização e debate na área das ciências cognitivas, uma das mais áreas da ciência contemporânea. Por se tratar de um campo multidisciplinar por excelência, o evento contará com a participação não apenas de filósofos mas também de psicólogos, médicos, linguistas, engenheiros, entre outros profissionais e estudantes de graduação e pós-graduação das mais diversas áreas do conhecimento. Informações: claudio@unicamp.br.

■ **Colóquio IFGW** – Palestra "Utilização de aceleradores em sistemas subcríticos para

geração de energia e queima de resíduos nucleares. A situação mundial e uma proposta de programa de P&D nacional", com professor José Rubens Maiorino, diretor de Projetos Especiais do IPEN – São Paulo no dia 24 de abril, às 16 horas, no Auditório do instituto.

■ **Mini Baja** – De 24 a 27 de abril acontece em Piracicaba a Competição SAE BRASIL de Mini Baja. Em sua 9ª edição, a competição é considerada uma fomentadora de talentos, ao fornecer engenheiros qualificados para as principais indústrias do setor automobilístico do País. A Unicamp participará da competição com 2 equipes. Durante 4 dias, mais de mil alunos de universidades de Engenharia de 11 Estados do Brasil se reunirão no Esporte Clube Piracicabano de Automobilismo (ECPA), para mostrar habilidades como empreendedores, projetistas e construtores, e mostrar que, também, são bons pilotos. Como prêmio, as duas primeiras colocadas na classificação geral participaram da SAE MidWest Mini Baja Competition, nos EUA, que será realizada de 5 a 8 de junho e reunirá mais de 100 escolas de engenharia do mundo todo. Mais informações: www.saebrasil.org.br

OPORTUNIDADES

■ **Ritmos do Brasil** – Movimento Arte-Solidária/Grupo Ritmos do Brasil promove cursos de danças de salão. O Curso de Forró e Dança de Salão acontece às terças e quintas-feiras, das 12h10 às 13h20, na sala IB-16, na Biologia. Valor: R\$ 70,00 pelo curso inteiro (cd direito a um cd com vinte músicas que serão usadas nas aulas). O Curso de Salsa & Ritmos Latinos, às sextas-feiras, das 12h10 às 13h20, na sala IH08, no IFCH. Valor: R\$35,00 pelo curso inteiro (cd/direito a um cd com vinte músicas que serão usadas nas aulas). A coordenação dos cursos é do Ricardo, do Neto, da Hell e da Tatiana. Em abril será realizada a primeira festa dançante de confraternização. Informações: José Roberto da Silva (artesolidaria@hotmail.com).

■ **Cooperunicamp** – Foi deliberado pela Assembleia Geral Ordinária, realizada em 20 de março último, que parte do lucro relativo ao 1º e 2º semestres de 2002, seja distribuído aos associados (na proporção de 5,75%) sobre o capital individual em 31/12/2002, e através de depósito em conta corrente de cada um, na data de 10 de maio. Ficou estabelecido que o cooperado que desejar que o valor seja incorporado ao seu capital individual, deverá assinar o termo de solicitação, até o dia 30 de abril, na sede da cooperativa.

■ **História Medieval** – Vaga para professor para o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Departamento de História, Área de História Antiga e Medieval. Inscrições até 12 de abril. Informações: 3788-7441/4337 com Raquel.

■ **Bureau Veritas** – Curso de Especialização em Gestão de Segurança, Saúde, Meio Ambiente e Qualidade, oferecido pela terceira vez pelo Instituto de Economia/Unicamp, em conjunto com o Bureau Veritas. Mais informações: 3788-5748, sites www.eco.unicamp.br/projetos/mterras/index.html e www.eco.unicamp.br/projetos/agua/projetositeagua3.html.

■ **Docentes Unesp** – Encontram-se abertas inscrições para professores da Universidade Estadual Paulista – campus de Franca, para a Faculdade de História, Direito e Serviço Social, nas disciplinas de Sistema Internacional: Estrutura e Dinâmica, Direito do Trabalho e História do Brasil. Informações: (16) 3711-1800.

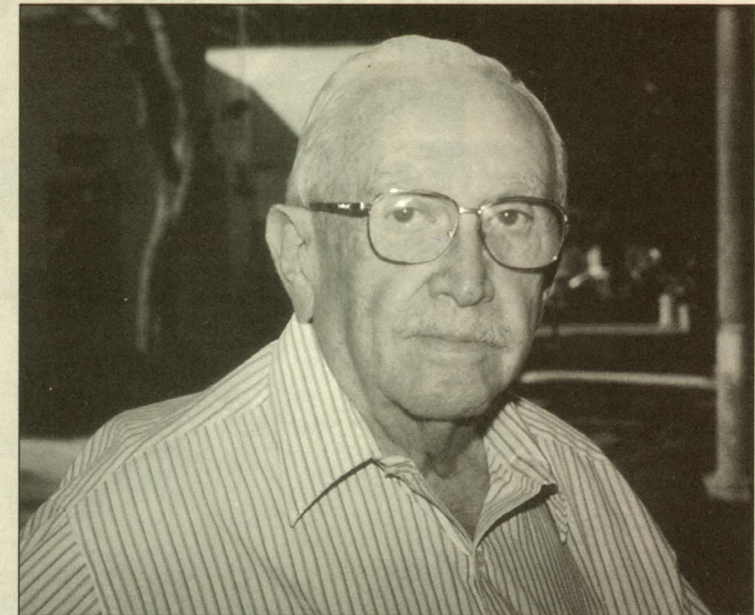
■ **Bolsas Faep** – Encontra-se disponibilizado junto ao Fundo de Apoio ao Ensino e Pesquisa, o programa de "Apoio a Implantação de Novos Projetos Temáticos". Edital detalhado e Formulário específico para este programa, já em vigência, encontram-se no endereço: www.prrp.unicamp.br/faep/.

■ **Voluntários** – Procura-se voluntários para desenvolver projetos e atividades em entidades e escolas. Pode ser estudantes de qualquer área, como ambiental, educacional, informática, cultural, etc. Contatos: Flávia Pereira Silva, e-mail: flaviasife@hoyley.edu.br ou flavia@comeq.unicamp.br, telefone - (19) 9107-5939 ou (19) 3897-6099 das 15 às 19 horas.

■ **Oncologia** – 1º Prêmio de Oncologia Novartis – Saúde Brasil podem ser obtidas nos sites: www.saudebrasilnet.com.br ou www.novartisoncologia.com.br. Trata-se de um concurso nacional na área de oncologia. Estão sendo aceitos trabalhos científicos e projetos sociais. Estudantes de medicina, residentes e médicos poderão apresentar os trabalhos e compartilhar experiências que contribuíram para melhorar as condições de tratamento e atendimento ao paciente com câncer. Dúvidas: Fabíola Spila, telefone (11) 3666.8300, e-mail: fabioila.spila@portavoz.com.br.

■ **Geotecnologias** – A 3ª Mostra do Talento

Homenagem



O professor emérito e titular da Unicamp, psiquiatra Mauricio Knobel (foto), receberá homenagem do Departamento de Crianças e Adolescentes da Associação Psicanalítica Argentina (APA – www.apa.org.ar/) em um simpósio extraordinário que será realizado em Buenos Aires (Argentina) no dia 15 de abril próximo, onde ele falará sobre "Experiência clínica com adolescentes: 40 anos de trabalho e estudo". Posteriormente, Knobel deverá acompanhar supervisões clínicas com psicanalistas argentinos.

Científico, promovida pela GIS Brasil, premiará estudantes da área de geotecnologias. Para participar do concurso o trabalho deve mostrar aplicações práticas das geotecnologias em áreas como meio ambiente, gestão de cidades, telecomunicações, energia elétrica, saneamento, planejamento territorial, ou qualquer outra que venha a contribuir com o dia-a-dia das corporações públicas ou privadas. A 3ª Mostra acontece de 19 e 22 de agosto, no Palácio de Convenções do Anhembi, em São Paulo, paralelamente ao COMDEX Sucesu-SP – Brasil 2003. Os interessados podem se inscrever até o dia 15 de abril. Outras informações: telefone: (11) 3039-5968.

■ **Comunidade Saudável** – Estão abertas até o dia 5 de maio as inscrições para o 3º Encontro Comunidade Saudável, que acontece de 5 a 8 de maio no Centro de Convenções da Unicamp. As inscrições podem ser feitas na Extcamp ou pelo site. Mais informações: professor Rangel – telefones 3788-1153 ou 3289-2524, site www.extcamp.unicamp.br/comunidadesaudavel/index.htm.

■ **Educação** – A 10ª edição do Educador – Congresso Internacional de Educação – que tem o tema "Idealismo Empreendedor: Excelência nas Instituições de Ensino", será realizado de 14 a 17 de maio, no Expo Center Norte, em São Paulo, paralelamente a Educar – Feira Internacional de Educação – é destinado aos profissionais da área, especialmente mantenedores, diretores e gestores de ensino privado. O objetivo é intercambiar informações no campo da pesquisa e do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, como também oferecer conteúdo técnico para facilitar a administração de estabelecimentos de ensino da educação infantil ao ensino superior.

TESES DA SEMANA

▼ **Biologia** – "Matinhas nebulares e vegetação rupícola dos aparados da serra geral (sc/rs), sul do Brasil" (doutorado). Candidato: Daniel de Barcellos Falkenberg. Orientador: professor George John Shepherd. Dia: 7 de abril, às 10 horas, Sala de Defesa de Tese da Pós-Graduação do IB.

"Avanços e perspectivas na caracterização do Picobimávirus: inoculação em linhagens celulares, histologia de intestino de ratos e testes de RT-PCR" (doutorado). Candidato: Daniel Roberto Coradi de Freitas. Orientadora: professora Maria Sílvia Vicari Gatti. Dia: 11 de abril, às 14 horas, Sala de defesa de tese da pós-graduação do IB.

"Ecologia do forrageamento e recrutamento na formiga *gnamptogenys moelleri* (forel) (peneirina: ectatommini)" (mestrado). Candidato: Rodrigo Cogni. Orientador: professor Paulo Sérgio Moreira Carvalho de Oliveira. Dia: 15 de abril, às 14 horas, Sala de defesa de tese da Pós-graduação do IB.

"Estudo da distribuição da célula de schwann na junção neuromuscular de camundongos distrofos da linhagem MDX" (mestrado). Candidata: Candida Luiza Tonizza de carvalho. Orientadora: professora Maria Julia Marques.

Dia: 16 de abril, às 14 horas, Sala de defesa de tese da Pós-graduação do IB.

▼ **Economia** – "Globalização e Estratégias Competitivas na Indústria Automotiva: Uma Abordagem a partir das Principais Montadoras Instaladas no Brasil" (doutorado). Candidato: Enéas Gonçalves de Carvalho. Orientador: professor Wilson Suzigan. Dia: 10 de abril, às 10 horas, Sala 23 do Pavilhão de Pós-Graduação do Instituto de Economia.

"Inserção Internacional e Mercado de Trabalho - O Brasil nos Anos 90" (doutorado). Candidato: Valdir Iusif Dainez. Orientador: professor Carlos Alonso Barbosa de Oliveira. Dia: 14 de abril, às 9h30, Sala 23 do Pavilhão de Pós-Graduação do Instituto de Economia.

▼ **Engenharia de Alimentos** – "Estudo comparativo do processo de torração de amêndoas de cupuaçu por microondas frente ao processo de torração convencional" (mestrado). Candidato: Nádia Rosa Pereira. Orientador: professor Antonio Marsaioli Junior. Dia: 8 de abril, às 9 horas, Salão Nobre - FEA.

▼ **Engenharia Mecânica** – "Avaliação de Tensões Residuais em Soldas de Dutos utilizando o efeito acustoeelástico" (mestrado). Candidato: Marcilio Haddad Andrino. Orientador: professor Auteliano Antunes dos Santos Junior. Dia: 7 de abril, às 9 horas, Auditório do Bloco K.

"Determinação das Constantes Acustorísticas para Aço API 5 L - X70 para Gas" (doutorado). Candidato: Sidney Felix Caetano. Orientador: professor Auteliano Antunes dos Santos Junior. Dia: 8 de abril, às 14 horas, Auditório do Bloco K - FEM.

"Avaliação das Propriedades do Pericárdio Bovino Liofilizado" (doutorado). Candidata: Marina Junko Shiotsu Maizato. Orientadora: professora Cecília Amélia de Carvalho Zavaglia. Dia: 15 de abril, às 9 horas, auditório de tese do bloco ID2.

"Mancais Segmentados com Lubrificação Ativa – Teoria, Experimento e Aplicação" (doutorado). Candidato: Rodrigo Nicoletti. Orientador: professor Ilmar Ferreira Santos. Dia: 15 de abril, às 9 horas, Auditório do bloco K.

▼ **Filosofia e Ciências Humanas** – "O Papel do Facto da Razão na Fundamentação da Moralidade em Kant" (mestrado). Candidata: Andréa Luisa Bucchile Faggion. Orientador: professor Zeljko Loparic. Dia: 8 de abril, às 10 horas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

▼ **Química** – "Liberação térmica e fotoquímica de óxido nítrico a partir de S-nitrosotiois incorporados em matrizes de poli(etileno glicol) e em hidrogel de copolímero em bloco PEO-PPO-PEO" (doutorado). Candidata: Silvia Mika Shishido. Orientador: professor Marcelo Ganzarolli de Oliveira. Dia: 16 de abril, às 14 horas, mini-auditório do IQ.

▼ **Correção**: No Jornal da Unicamp de 24 de fevereiro a 9 de março, página 10, foi publicada a tese "Narrativas mitológicas Maku-rap: Aspectos textuais e discursivos", como sendo da candidata Eliane Mara Silveira, que na verdade defendeu a tese de doutorado "O movimento de Saussure na fundação da linguística", defendida no dia 26 de fevereiro, no IEL.

Pesquisa mostra resistência ao projeto de JK implantar o parque automobilístico nacional

O Brasil sobre quatro rodas

LUÍZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

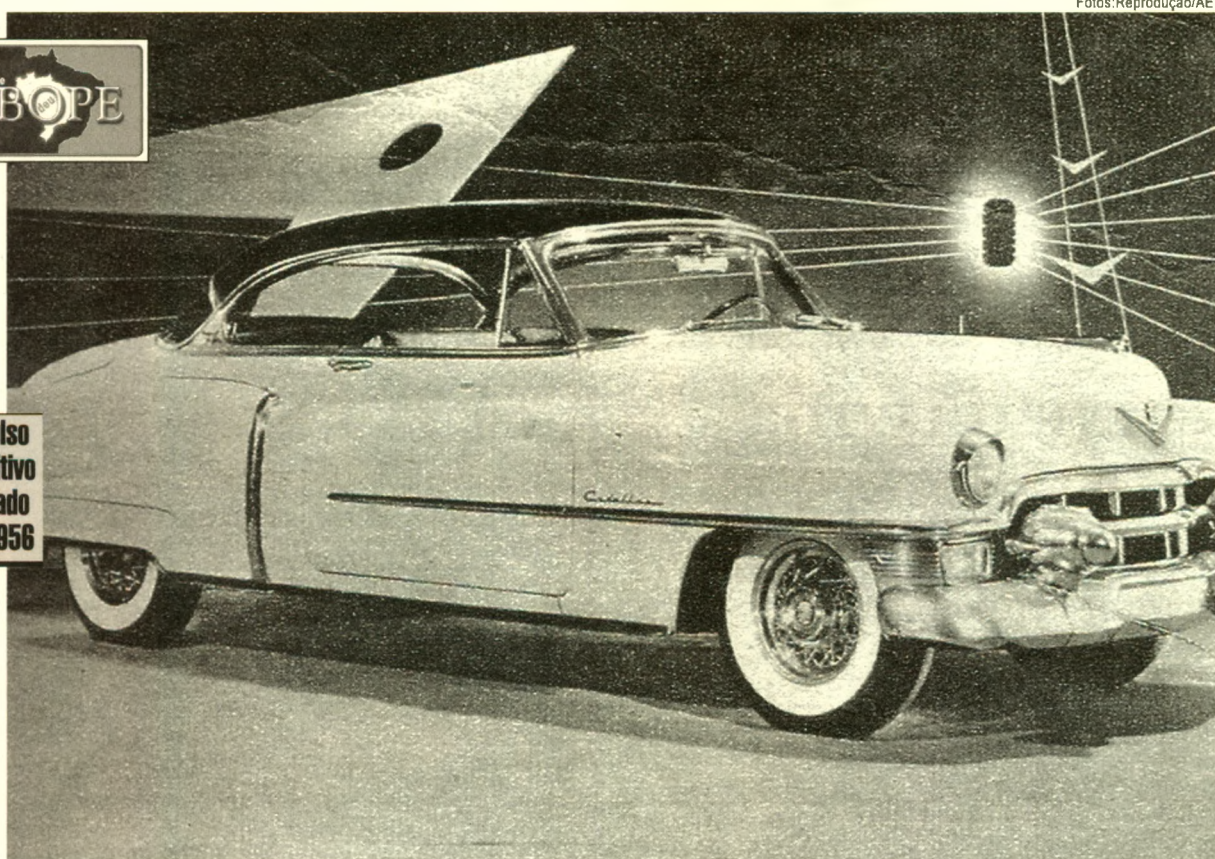
Foi um garoto de apenas 18 anos e muita visão, chamado Alberto Santos Dumont, quem importou o primeiro carro motorizado para o Brasil, um Peugeot de 1.200 francos, em 1891. Antes de "pai da aviação", Santos Dumont também foi pioneiro em corridas de automóveis na França. Já tinha voado com o 14 Bis em 1906 e padecia de cansaço e envelhecimento precoces, causadas por esclerose múltipla, quando Henry Ford, em 1919, instalou uma linha de montagem no centro de São Paulo e anunciou: "O automóvel está destinado a fazer do Brasil uma grande nação".

Depois da chegada também da General Motors (1925) e de muitas estradas abertas, o barulho dos motores tornou-se peculiar do cotidiano paulista. Entre 1920 e 1939, só no Estado de São Paulo, o número de carros de passeio saltou de 5.596 para 43.657 e o de caminhões de 222 para 25.858. Mas as fábricas apenas montavam seus automóveis no País, não produziam as peças. Com o início da 2ª Guerra Mundial, as importações ficaram prejudicadas e a frota de veículos, ultrapassada. Coube a Getúlio Vargas adotar as primeiras medidas concretas levando à criação do parque automotivo brasileiro, proibindo a importação de veículos montados e dificultando a de peças de montagem.

O impulso definitivo foi dado em 1956 por Juscelino Kubitschek, que neste seu primeiro ano de governo inaugurou, em São Bernardo do Campo, a primeira fábrica de caminhões com motor nacional da Mercedes-Benz e a fábrica da Volkswagen. Viriam em seguida a também alemã DKW, a francesa Simca e a americana Willys, como está na história do automóvel no Brasil, contada detalhadamente em páginas da internet (www.saopaulo.sp.gov.br/invista e www.histoautomovel.hpg.ig.com.br/industria-brasil, para mencionar duas).

Em ampla pesquisa realizada em 1959, o Ibope mostrou que a prioridade à indústria automobilística nacional, dada por JK no seu projeto de trazer "50 anos de progresso em cinco", enfrentou resistência em setores importantes, principalmente o rural e mesmo de parte da indústria que pregava ênfase em produtos básicos como aço, borracha e petróleo. Nos meses de agosto e setembro, o Ibope ouviu Câmara dos Deputados, Senado, Comércio, Indústria, Autarquias e Sociedades Mistas, a então Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo (Faresp) e o público em geral. A pesquisa foi patrocinada pela Metalon S.A.

Descrédito – Apesar de amplo apoio político, que garantia cem por cento de aprovação às medidas no Senado, JK ainda encontrava oposição na Câmara, onde 26% viam a indústria do automóvel como fator perturbador para o progresso industrial do Brasil, índice que ficava em 10% no comércio, indústria e autarquias, e subia a 43% na Faresp. Em níveis parecidos, a instalação do parque era considerada prematura por esses setores. Na média, um terço dos entrevistados achava que as fa-



Cadillac Coupé de Ville, 62, em foto da revista O Cruzeiro, edição de abril de 1953



Impulso definitivo foi dado em 1956

■ Acredita que o mercado possa absorver 100.000 veículos previstos para o ano corrente?

	Sim	Não
Comércio	50%	41%
Indústria	53%	57%
Câmara	50%	42%
Senado	71%	14%
Autarquias e Soc. Mistas	10%	70%
Associados Faresp	43%	57%

■ Acredita nas notícias sobre um colapso da indústria automobilística devido à falta de mercado?

	Sim	Não
Comércio	46%	48%
Indústria	38%	54%
Câmara	54%	38%
Senado	29%	71%
Autarquias e Soc. Mistas	60%	40%
Associados Faresp	86%	14%

cilidades concedidas pelo governo eram injustificadas.

O fato de que os veículos nacionais eram "muito caros" ou "caros" era verdade admitida por ampla maioria, e acima de 30% dos pesquisados duvidavam também da qualidade em relação aos similares do exterior. Em média, 47% não viam como possível a absorção das 100 mil unidades previstas para aquele ano de 1959; 44% colocavam fé nas notícias sobre um colapso na indústria automobilística devido à falta de mercado.

No período de 1957 a 1974, a produção brasileira acumulou 5.415.014 unidades, entre automóveis, caminhões, ônibus, camionetas e utilitários. Havia onze fábricas no país: as alemãs Volkswagen e Mercedes-Benz; as americanas Ford, GM, Chrysler e Cummins; as italianas FNM e Fiat (esta em implantação); a sueca Saab-Scania; a japonesa Toyota; e a brasileira Puma (que usava motor VW). A invasão das japonesas e coreanas, a partir de 1994, compõe outra história que o Ibope certamente vai contar.

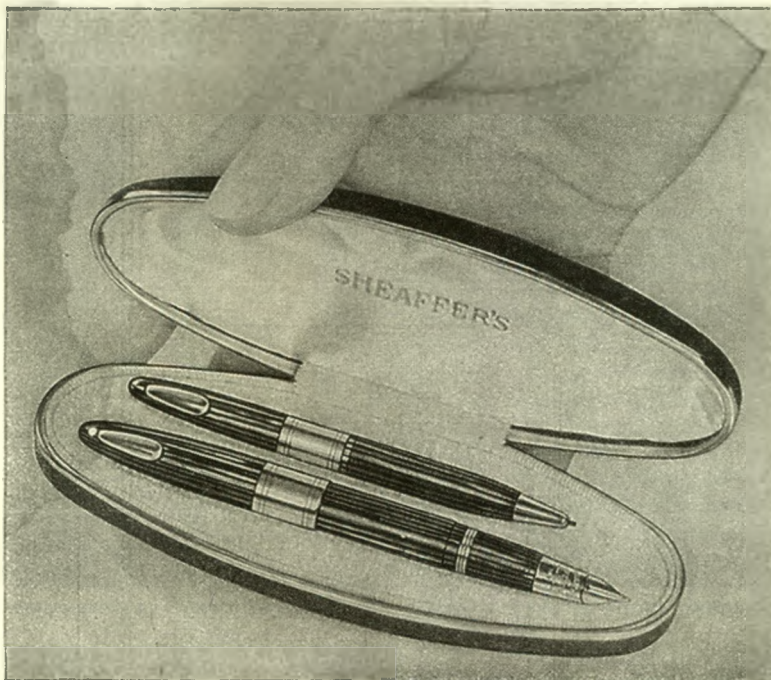
O homem do Cadillac

(agosto de 1951)

Ter um Cadillac passou a significar, desde há algum tempo, ser-se senhor de uma invejável situação financeira ou estar-se envolvido em negócios escusos. Os poderes públicos se preocupam mais com o segundo aspecto da questão, enquanto as garotas de Copacabana só deram atenção ao primeiro. Então se o "tipo" que conduzisse o imponente automóvel fosse "uma estampa de homem" tudo já estava resolvido na cabeça de todas as "footing-girls" daquele bairro. Enquanto isso a imprensa se preocupa com o número de carros daquela marca que desembarcam no porto desta Capital.

Qual sua opinião sobre o homem que possui um Cadillac?

É um homem rico porque tem posses para isso	29.6%
É um homem feliz	9.6%
Não há nada de mal desde que adquirido honestamente	9.2%
É um exibicionista, um narcisista	5.5%
É um perdulário	4.2%
É um explorador, um "tubarão"	2.5%



Eis aqui: ofereça-lhe a caneta que não teme comparação...

Para presentear... a melhor caneta é a que melhores serviços presta! A nova "TRIUMPH" Tuckaway da SHEAFFER'S, com pena Lifetime* de ouro de 14 quilates, grande e cilíndrica, proporciona uma suavidade de escrita até hoje desconhecida! Compare-a com as outras marcas... experimente o equilíbrio, o toque, a incomparável maciez, o acção instantânea! Observe também o novo "clip", especialmente ideado para que a caneta possa ser transportada com toda comodidade e segurança, tanto na bolsa como no bolso. Ofereça-lhe uma "TRIUMPH" Tuckaway. "Ela" lhe agradecerá durante muitos anos...

Novas Canetas TRIUMPH • Novas Lapiseiras FINELINE

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos no Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

AV. RIO BRANCO, 47 - 1º AND. - SÃO PAULO: ALAMEDA DINO BRUNO, 278 - CAIXA POSTAL, 344 - PORTO ALEGRE: RUA DOS ANDRADAS, 894

Anúncio de caneta tinteiro: anos depois, a concorrência da esferográfica

Esferográficas e tinteiros

Em junho de 1944, o Ibope estimava que um terço da população do Rio de Janeiro usava canetas tinteiro. Era pesquisa encomendada pela Sheaffer's, que segundo o instituto deveria se render a uma concorrente: "A grande maioria dos revendedores afirma que a caneta Sheaffer's é tão boa quanto a Parker, mas não vale a pena perder tempo em convencer disso a um comprador. (...) O fenômeno Parker, segundo apuramos, é semelhante ao do dentífrico Kolynos, ao sabonete Gessy em São Paulo e dos doces e conservas Peixe. Constituem sólidas casamatas de conquista difícil".

Duas décadas depois, as canetas esferográficas, embora comesçassem a conquistar o mercado, ainda não eram totalmente fabricadas no País. Dentre as dezesseis empresas, nenhuma conseguia produzir as esferas: "Essa importação eleva o custo

do produto e dificulta o processo de desenvolvimento do setor, em consequência das barreiras alfandegárias. O diâmetro da esfera varia entre 0,8mm e 2mm. A preferência do consumidor é pelas de menor diâmetro, que oferecem menor possibilidade de borrar o papel. O diâmetro das esferas da "Bic" (0,8mm) é considerado o mais aperfeiçoado", comentava o Ibope em pesquisa de setembro de 1964.

A produção de canetas desse tipo, naquele ano, foi de 3.259.200 unidades, destacando-se a Faber (1.305.000) e a Bic (1.000.000). O Ibope ainda observava: "O brinde comercial de fim de ano surgiu recentemente e tornou-se um hábito, oferecendo grande campo de desenvolvimento para o setor de esferográficas. Há empresas que dão brindes durante todo o ano".

Fecho éclair em calça de homem

Numa época em que cada homem possuía em média 2,7 ternos, por considerar esse traje o mais civilizado, a introdução do zíper no lugar dos botões das calças masculinas enfrentou grande preconceito. Em pesquisa de 1954, realizada em São Paulo e no Rio, o Ibope mostrou que o uso de "fecho éclair" em vestuário masculino era contestado até entre as mulheres: 32% eram contrárias à utilização, por acharem que não ficava bem (15%), não era apropriado (13%), era feio (12%) ou indecente (10%).

Quando de outra pesquisa, em 1959, os homens mantinham o hábito dos ternos, sendo que 62% preferiam os feitos em alfaiate, mesmo pagando vinte por cento a mais que aqueles comprados prontos em lojas como Exposição, Garbo e Ducal. Apenas 20% tinham usado zíper em lugar dos botões da "vista", a maior parte em calças rancheiras ou esportivas.

"Considerando as razões expandidas (...) verifica-se que, ao lado da conceituação favorável de que a aplicação do zíper em substituição aos botões torna "mais prática" a abertura, alinha-se a conceituação desfavorável de que o zíper "não é um artigo próprio para homens". (...) É necessário desfazer esse preconceito", enfatizava o Ibope.

Não usa zíper em lugar dos botões da calça por quê?

Não fica bem	29%
É feio, indecente	18%
Enguiça facilmente	9%
Não é prático	9%
Dá mais trabalho	9%
É inseguro	7%
É incômodo	7%
É ridículo	3%
Prende, machuca	2%
Abre sozinho	2%

Outras que deram Ibope

■ Em fevereiro de 1944, 57,2% dos homens entrevistados em São Paulo usavam bigode. A grande maioria (71%) fazia a barba em casa, por economia (38%), comodidade (30%), higiene (27%) e para ganhar tempo (14%). O produto mais utilizado era o sabonete (41%) e depois o sabão para barba em bastão (30%). Os que usavam cremes (20%) preferiam as marcas Willian's (41%) e Colgate (21%). As lâminas eram Gillette (71%) e Futebol (19%). Mas muitos homens (23%) ainda apelavam para a navalha.

■ O Ibope constatou que, em 1954, 90% dos cariocas bebiam café e 75%, refrigerantes. Os refrigerantes mais bebidos eram Guaraná Antártica (46%), Guaraná Brahma (20,6%), Coca-Cola (7,5%), Água Tônica Antártica (1,9%), Crush (1,9%) e Grapette (1,4%).

■ Ainda em 1954, aproximadamente 365.000 bicicletas circulavam pelo Brasil, 150.000 apenas no Estado de São Paulo.

■ Soutiens mais vendidos em São Paulo, naquela mesma época: De Millus (81,8%), Diva (9,1%), Viviam (5,5%), Silvy (3,6%) e Ortência (1,8%).

A saga de Paulo Duarte, combativo e combatido, nas 60 mil peças de seu acervo na Unicamp

O Dom Quixote brasileiro

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

“Dois motivos únicos me levaram a dispor dessa biblioteca: o desejo ardente de não vê-la dispersada em caso de minha morte e uma razão de premência e necessidade: as misérias deste nosso Brasil e a minha própria miséria (parafrazeando Maurice Sele) que me obrigam a procurar recursos para uma vida de apreensões materiais que se torna cada dia mais difícil e insuportável, que só poderia ser amenizada com a venda desse praticamente único patrimônio que possuo.

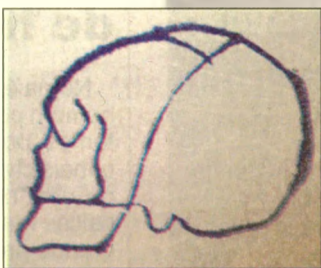
(...) Eis pois porque me dirijo a V.Exa., propondo a venda da biblioteca por um preço mínimo de Cr\$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros novos) desde que a avaliação da biblioteca alcance esta quantia – pagos integralmente ou em duas ou três prestações a combinar, caso V.Exa. se interesse pela proposta que ora faço”.

A carta do jornalista e advogado Paulo Duarte, dirigida ao reitor da Unicamp Zeferino Vaz, é datada de 20 fevereiro de 1970. Nela o intelectual dá mais detalhes sobre sua proposta, destacando títulos de um acervo formado em 50 anos de estudos e buscas, com aquisições no Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália e em outros pólos culturais. Um leque de áreas do conhecimento: Bibliografia, História do Brasil (Brasileira), Literatura portuguesa, francesa e italiana, Etnografia e Pré-História, Sociologia, História Natural, Filologia, revistas e publicações periódicas.

“Dada a variedade de livros raros, poderá ser o primeiro núcleo capaz de facilitar quaisquer estudos sobre nosso país e outros que possam interessar a uma universidade organizada”, argumentava na carta o jornalista, sabedor de que Zeferino Vaz pretendia implantar um centro de estudos brasileiros na recém-fundada Unicamp. A compra foi concretizada em poucos meses, ao preço pedido por Paulo Duarte, como veremos em texto à parte.

Um carimbo, em que as iniciais P e D formam a figura de uma caveira, chamaria a atenção de especialistas em documentação que viriam a manusear o acervo entregue à Universidade. Como a marca do Zorro ou do Fantasma dos gibis, fazendo uma associação barata. Ou a marca do “Dom Quixote brasileiro”, na associação preferida por Marli Guimarães Hayashi, para o título da tese de doutorado que defendeu na USP em janeiro de 2002. Entre vindas e idas, a pesquisadora gastou seis meses vasculhando o arquivo pessoal do intelectual no Cedae (Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio).

“Em meu mestrado sobre Adhemar de Barros, de quem Paulo Duarte foi inimigo histórico, já tinha recorrido à Unicamp para pesquisar os dossiês do jornalista contra o governador. Pude perceber não apenas a riqueza do acervo, mas também que o desafio era tão interessante quanto o personagem. Apesar das controvérsias, seria Duarte o autor do slogan ‘rouba, mas faz’, atribuído a Adhemar”, relembra a historiadora. No trabalho de doutorado, Marli Hayashi reconstrói a trajetória de um homem polêmico, que ao ser aposentado compulsoriamente na USP pelo AI-5, em 1969, consolidara a fama de “humanista e antitecnocrático, progressista patriota e antitotalitário, polemista de



Retrato Realista

Sou quase um psicopata que amedronta o mundo são e os homens de bom senso, as famílias cristãs me têm de ponta e a gente honesta tem-me ódio imenso.

Como a réplica trago sempre pronta, o doeste vive sobre mim suspenso e a sociedade não perdoa a afronta de dizer tudo quanto dela penso.

Com o meu característico descoco, sou sempre amigo incômodo que bota tudo a perder porque transige pouco.

Por isso analisando a minha rota julgam-me todos um completo louco, quando não passo de um vulgar idiota...

O advogado e jornalista Paulo Duarte e a caveira formada por suas iniciais (destaque): trajetória tumultuada

temperamento ardente”.

“Paulo Duarte nunca foi figura unânime e cordata. Muito pelo contrário. Desentendeu-se com inúmeras pessoas e fez inimigos. Talvez esta

tenha sido a razão para que cerca de trinta pessoas, dentre as quais Florestan Fernandes, Hélio Bicudo, José Mindlin, Luiz Vieira de Carvalho Mesquita e Alípio Corrêa Neto, comparecessem ao seu enterro no dia 24 de março de 1984”, escreve a pesquisadora na conclusão da tese, depois de narrar os fatos resumidos em seguida.

Exílios – Paulistano nascido em 17 de novembro de 1899, Paulo Alfeu Junqueira Monteiro Duarte tinha 20 anos ao iniciar a carreira jornalística, como revisor em *O Estado de S. Paulo*. Foi repórter responsável pelas notícias do governo e chegou a editor-chefe no final dos anos 40. A amizade com a família Mesquita – proprietária do jornal – permitiu que ele participasse de importantes episódios da vida política e cultural paulista.

Duarte fez da redação trincheira e palanque. Atuou no movimento constitucionalista e, detido numa fuga pela mata, ficou exilado por um ano; ajudou a articular oposição ao Partido Republicano Paulista, engajando-se com industriais emergentes no Partido Democrático; foi consultor jurídico do prefeito de São Paulo; elegeu-se deputado estadual pelo Partido Constitucionalista com a plataforma do socialismo “sadio”; depois de onze prisões no espaço de um ano, acabou expulso pelo Estado Novo em 1938, ficando exilado pela segunda vez, até 1945, a maior parte na França.

CONTATOS

Cedae

Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio
cedae@tel.unicamp.br

Siarq

Arquivo Central do Sistema de Arquivos
siarq@unicamp.br

BC

Biblioteca Central, Coleções Especiais
bceraros@obelix.unicamp.br

Biblioteca do IFCH

bibifch@obelix.unicamp.br

Marli Guimarães Hayashi
marligh@uol.com.br

Desgastada a relação com os donos de *O Estado*, Paulo Duarte deixou o jornal e criou em 1950 a revista *Anhembi*, que em meio ao sensacionalismo vigente na época, abriu espaço para intelectuais brasileiros e estrangeiros e suas pesquisas acadêmicas. Até 1962, quando acabou fechada por razões econômicas, a publicação também virou trincheira em embates com Adhemar de Barros e Getúlio Vargas, ao mesmo tempo em que o jornalista alimentava incompreendida amizade com Jânio Quadros.

Por mais de uma vez Paulo Duarte prometeu abandonar a política e se dedicar à cultura, seu verdadeiro gosto. O interesse em antropologia foi despertado, ainda no colégio, pelo diretor do Museu do Ipiranga Hermann von Hering. Cursaria medicina, não fossem a falta de recursos e o emprego no jornal, e, se frequentou a São Francisco a contragosto, é porque esperava conhecer a medicina legal através do direito

criminal. Na França, foi discípulo de Paul Rivet, criador do *Museu de l'Homme* e culpado pela obsessão de Duarte em viabilizar o Instituto de Pré-História. Sustentou amizades entre a nata da literatura, como Mário de Andrade, Érico Veríssimo e Monteiro Lobato.

A mágoa – Apesar de presente em momentos marcantes da vida política e cultural, Paulo Duarte sempre apareceu em segundo plano, como primo pobre desta elite. Carregou grande mágoa pela omissão de seu nome entre os fundadores da Universidade de São Paulo, embora, ao que tudo indica, tenha participado das decisões cruciais para a criação da instituição, tanto quanto Armando Salles Oliveira e Júlio de Mesquita Filho. Mesmo sua última realização, o Instituto de Pré-História, fundado em 1962 depois de uma década de lutas, acabaria absorvida por outra unidade da USP.

A vivência como professor da universidade foi igualmente tumultuada, diante de suas críticas à situação interna e em período especialmente difícil imposto pela ditadura. Duarte aparece como a “figura mais incômoda de toda a Universidade” em *Livro Negro da USP: o controle ideológico da Universidade de São Paulo*, publicado pela associação dos docentes em 1978.

É ainda Marli Hayashi quem afirma: “Semelhante a Dom Quixote, Paulo Duarte passou ‘a vida brincando de sonhar sonhos impossíveis’, como o Departamento de Cultura, o Instituto de Criminologia, o Museu do Homem Americano, a revista *Anhembi* e o Instituto de Pré-História, todos bruscamente interrompidos”.



Revista Anhembi: efervescência cultural

Arquivo particular veio como ‘brinde’

Menos de um mês após receber a carta de Paulo Duarte, o reitor Zeferino Vaz solicitou uma avaliação do valor intelectual da biblioteca do jornalista, convidando para esse trabalho Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda, da USP; José de Barros Martins, diretor da Editora Martins; e Rubens Borba de Moraes, da UnB, então considerado o maior conhecedor de livros sobre o Brasil.

A comissão visitou Duarte para conferir sua lista de raridades: livros de Jean de Lery (1585), Rocha Pita e Brito Freire (1675), Ulisius (1628), Gandavo, Antonil, La Condine (1788), e da maior parte dos viajantes como Nieuwhoff (1682), Martius, príncipe Maxiliano, Spiz e Martius, S. Hilaire, Grevaux, Maria Graham e Kester. Perto de 70 títulos e documentos estão na Coleção de Obras Raras da Biblioteca Central. O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) solicitou para sua biblioteca quase 3.500 títulos de áreas afins.

A comissão avaliou o acervo em Cr\$ 500.725,00 e a compra foi fechada em agosto de 1970, mediante duas parcelas totalizando 500 mil redondos. Dois meses antes, em reconhecimento ao interesse da Unicamp, Paulo Duarte havia se comprometido a entregar, como doação, outra grande quantidade de volumes e coleções, além de 17 estantes de aço com seu arquivo particular.

Neire do Rossio Martins ficou encarregada, em 1985, de transferir o arquivo de Paulo Duarte para a então recém-criada Divisão de Documentação da Unicamp, atual Siarq (Arquivo Central do Sistema de Arquivos) que hoje coordena. O acervo estava com o empresário e bibliófilo José Mindlin, que só então soube do compromisso assumido pelo jornalista.

Mindlin liberou para a Unicamp aproximadamente 60 mil itens, entre manuscritos, correspondências, fotos, quadros, gravuras e outros objetos pessoais, transferidos em 1994 do Siarq para o Cedae. Nesta remessa vieram nove livros de Memórias, incompletas, visto que Duarte planejara um total de quinze volumes. O arquivo traz ainda inúmeros dossiês, que refletem a efervescência cultural e política do Brasil num período que vai do século 19 ao começo dos anos 1980. Numa estante, jazem três capacetes de combatentes da Revolução de 32.